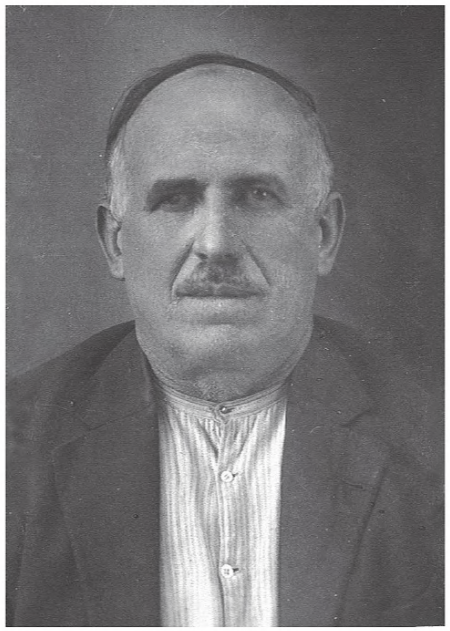
Rodolfo Balzaretti

Rodolfo Balzaretti nasceu em 15 de janeiro de 1889 no Travessão Santa Rita, Terceira Légua, Caxias do Sul. Ainda que a agricultura tenha sido a principal ocupação, Rodolfo trabalhou em outros ofícios: carpinteiro, carreteiro, madeireiro. Por volta de 1915 incluiu em suas atividades a de fotógrafo itinerante. Presume-se que o contato inicial com a fotografia deu-se através de Vittore Lazzarotto, fotógrafo amador e seu vizinho na Terceira Légua.

Rodolfo Balzaretti não teve estúdio estabelecido. Na condição de itinerante, atuou na região dos Campos de Cima da Serra (Criúva, Vila Seca, Santa Lúcia, Vacaria, São Francisco de Paula, São Marcos). No interior dessas localidades registrou cenas da vida campeira, o trabalho nas serrarias, destacando-se as poses de famílias defronte às suas residências. Em Caxias do Sul, fotografou o cotidiano rural, festas do padroeiro, além dos tradicionais retratos de família e de casais. A sua carreira de fotógrafo se alongou até meados da década 1920.

Do casamento com Maria Giacomelli Balzaretti nasceram os filhos Raimundo, Osvaldo, Terezinha, Graciema e Dionísio. Rodolfo Balzaretti faleceu em 1960, em Caxias do Sul, aos 71 anos de idade. Sem autoria, a maior parte de suas fotografias se misturam em meio a outras nas caixas dos guardados ou ordenadas nos álbuns de famílias originárias dos Campos Cima da Serra e da zona colonial de Caxias do Sul.



Rodolfo Balzaretti



Homem não identificado, c. 1917.
Terceira Légua. Caxias do Sul, RS



Raimundo, Osvaldo, Dionísio, Graciema e Theresina filhos de Rodolfo e Maria Giacomelli Balzaretti, c. 1946. Terceira Légua. Caxias do Sul, RS



Estudo técnico de extensão da estrada de ferro de Canela aos Municípios dos Campos de Cima da Serra, RS, c. 1925



Família Balardin,c.1920. "Il vechio Gobbi", sentado. Ana Rech. Caxias do Sul, RS



Família não identificada, c. 1918. Criúva. Caxias do Sul, RS



Família não identificada, c. 1918. Vila Seca. Caxias do Sul, RS



Costureiras. Família Brusa, c. 1920. São Luiz da Terceira Légua. Caxias do Sul, RS



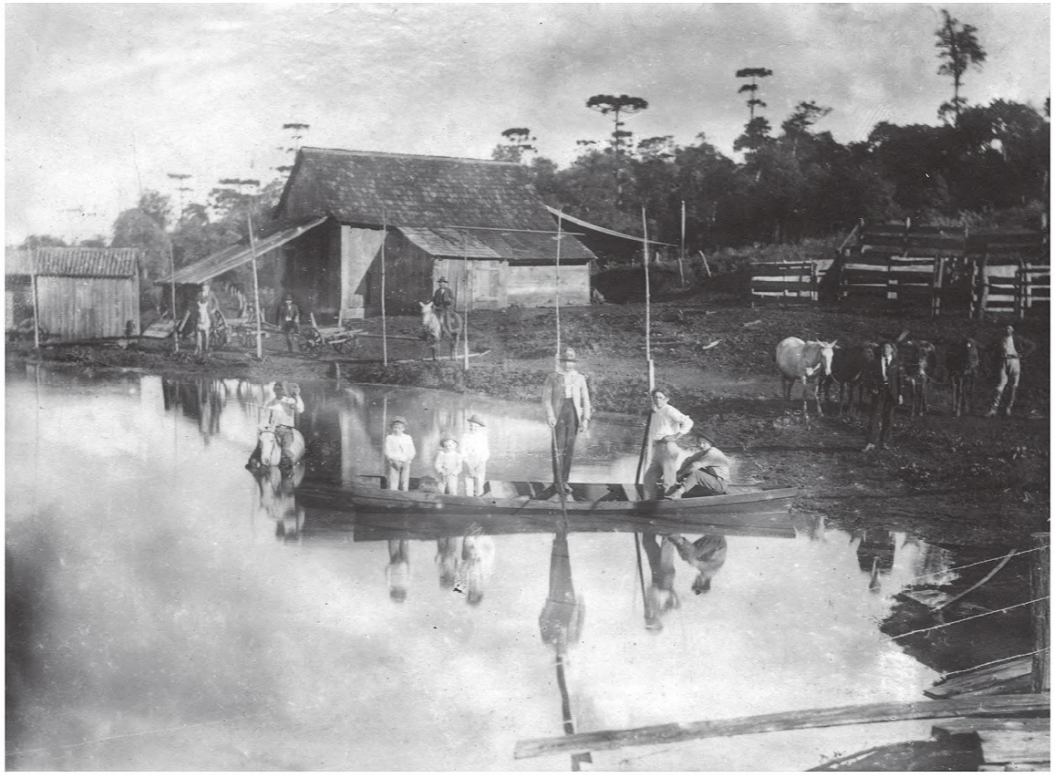
Tropeiros em frente à casa de comércio e de pouso De Lazzer,c. 1920. Caxias do Sul, RS



Serraria de José de Carli, c.1918. Boca da Serra, Caxias do Sul, RS



Carreteiros, c. 1923. São Luiz da Terceira Légua. Caxias do Sul, RS



Serraria, c.1920. Vila Seca. Caxias do Sul, RS



Serraria de José de Carli, c.1918. Boca da Serra. Caxias do Sul, RS

Jacob Kappes

Filho de Carl Kappes e Carolina Rheinheimer Kappes, Jacob nasceu em 14 de setembro de 1900 em Walachay, vilarejo então pertencente ao Município de Dois Irmãos, conforme Registro de Batismos Evangélicos de Picada Café, n°.45. Walachay, que no alemão antigo significa lugar longínquo, perdido no tempo, começou a se formar em 1829, primórdios da imigração alemã no RS. Inserida num vale cercado pelos morros que dão início à Serra Gaúcha, a localidade foi esquecida pelas autoridades, razão pela qual os colonos se organizaram para construir a capela, o cemitério, a escola. A agricultura diversificada, a presença de artesão de múltiplos ofícios - sapateiros, alfaiates, ferreiros, funileiros - tornou a comunidade autossuficiente. O isolamento, associado à falta de perspectivas, dificultou a permanência dos filhos na terra. Em busca de melhores oportunidades, os mais jovens trocaram a roça pela cidade.

É possível que a vinda de Jacob Kappes para Caxias do Sul se insere neste contexto. A sua chegada deu-se em meados da década 1920. Trazendo na bagagem o ofício de alfaiate, foi contratado pela Alfaiataria Sanvitto, onde trabalhou por mais de trinta anos. Entre fitas métricas, dedais, tesouras e linhas, também se dedicava à fotografia. Residindo em um casarão de madeira, à Rua Vinte de Setembro nº. 2173, Jacob Kappes transformou o porão em ateliê de costura e laboratório fotográfico. Sem deixar o trabalho na Alfaiataria Sanvitto, nas horas de folga se dedicava à fotografia e à costura, seja para confeccionar o paletó de um parente ou registrar o casamento de algum amigo. A aparência alinhada, a polidez no trato com as pessoas, o gosto pelo convívio social o distinguia como um homem habituado ao estilo urbano de viver. O carregado sotaque alemão não foi embaraço para que o alfaiate se sentisse em casa em terras colonizadas por italianos. Participando ativamente da vida social e esportiva, entre 1930 e 1950 integrou o conselho de diretores do Clube Juvenil, do Recreio Guarany, do Sport Club Juvenil e do Grêmio Esportivo Flamengo, hoje Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul.

Alfaiate de profissão, a fotografia entrou na vida de Kappes como a expressão do seu desejo de registrar momentos da vida familiar e aqueles compartilhados socialmente. Autodidata, transformou o amadorismo na sua segunda profissão. A par das



Jacob Kappes

inovações, carregava para onde fosse a bolsa de couro com filmes, lentes e a câmera metodicamente acondicionados em seus compartimentos. Gostava de fotografar e de ver-se fotografado, não raro, nas coberturas de eventos ou simplesmente nas confraternizações familiares, acionava o obturador e corria para frente da câmera, misturando-se entre os fotografados. Não era adepto das poses compostas, preferindo a espontaneidade da cena a capturar. O ateliê

fotográfico limitava-se à câmera escura. Ali se encontravam as cubas, os vidros com produtos químicos, o ampliador, as cordas esticadas com prendedores, acessórios indispensáveis para a secagem dos negativos e fotografias. A partir de meados da década de 1960, Kappes abandonou o trabalho de laboratório, confiando o processo de revelação e impressão das fotografias ao amigo Antônio Beux, proprietário do Foto Studio Beux. Suas imagens abrangem desde a intimidade familiar a registros da paisagem urbana e cenas da vida rural. Documentava casamentos, aniversários, primeiras comunhões, piqueniques, confraternizações familiares, festas comunitárias, jogos de futebol, especialmente de times amadores. Seu público era diverso, incluindo personalidades, operários, agricultores, pessoas comuns que também desejavam registrar as ocasiões solenes para serem lembradas no futuro. Expostas como quadros decorativos, emolduradas nos porta-retratos, escondidas nas caixas dos guardados, protegidas em álbuns de famílias, as fotografias de Jacob Kappes trazem à tona segredos, afetos, desafetos, momentos felizes e tristes. Dispersas em residências e preservadas com a função de registrar a vida de famílias, entidades e instituições reiteram o sentimento de coesão e pertencimento, traçam um panorama das tradições e costumes compartilhados na vida pública e privada.



Residência de Érico e Celestina Raabe, c. 1955

Jacob Kappes viveu por mais de cinquenta anos em Caxias do Sul. Nesta cidade casou com Joana Franzoi, união da qual nasceu Jacob Willy, seu único filho. Residindo no mesmo endereço, Jacob continuou com os mesmos afazeres; após o matrimônio, o porão do casarão de madeira também acolheu a sala de cabeleireira de sua esposa. O casamento mesclou tradições culturais e religiosas, Joana acompanhava o marido nos cultos da igreja evangélica metodista e Jacob acompanhava a esposa nos rituais de fé da igreja católica. No convívio diário, Jacob era de poucos afagos, mas íntegro em sua conduta. Demasiadamente metódico, a disciplina orientava a sua postura na família e na sociedade. Torcedor fervoroso do Grêmio Esportivo Flamengo, não perdia nenhum jogo, Willy o acompanhava, tornando-se a mascote da agremiação. Por sua vez, Joana primava pelo zelo à família e esmerava-se no cuidado com a casa. Por natureza, era alegre e afetuosa, amenizando o rigor do esposo e transformando a sua casa no espaço de convivência da família e dos amigos. Faleceu em 1972, aos 57 anos.

Jacob Kappes casou em segundas núpcias com Carolina Franken Kappes em 1974. Aposentado e levando na bagagem a máquina fotográfica, aproveitou os últimos anos de sua vida para viajar, visitar amigos e parentes. Faleceu repentinamente em abril de 1980, aos 80 anos. Os únicos descendentes são os netos Eduardo, Daniela e Vinicius, filhos de Jacob Willy com Vera Sebben Kappes. Devido à pouca idade, a convivência com o avô foi breve, restando da sua presença lembranças difusas e muitas fotografias. Preservadas entre os guardados, essas imagens trazem à tona o passado, constituindo-se em elos de memórias individuais e coletivas.



Amigos na Praça Dante Alighieri, c. 1910. Jacob Kappes em pé (primeiro à direita). Ao seu lado, Valentim Bonho. Retrato obtido utilizando timer. Acervo Daniela Kappes



Jogadores do Grêmio Esportivo Flamengo, c. 1950



Confraternização entre familiares e amigos, c. 1950. Jacob Kappes no centro, sentado ao lado de criança. Retrato obtido utilizando timer



Confraternização entre familiares e amigos, c. 1938. Ao centro Jacob Kappes, com bebê. Sentada a sua frente, Luccia Carbone. Primeira à esquerda da mesa, Cleufe Andreazza. Retrato obtido utilizando timer



Membros do Movimento Integralista em frente à Catedral Santa Teresa, 1942



Atletas no Estádio Municipal Antônio Barroso Filho, c. 1946. Acervo Daniela Kappes



Primeira comunhão de Dalva Sanvitto, 1939. Igreja Santa Catarina



Jogador e mascotes do Grêmio Esporte Flamengo, c.1950. Jacob Willy (à esquerda) filho de Jacob Kappes. Acervo Nelson e Paulo Franzoi



Noivos não identificados com familiares e amigos, c. 1946. Acervo Daniela Kappes. Retrato obtido utilizando timer



Desfile cívico dos atletas do Grêmio Esportivo Fluminense, c. 1942



Tendeiras. Festa da Uva de 1950. Neda Ungaretti, sentada ao centro. Acervo Daniela Kappes



Panorâmica de Caxias do Sul, c. 1943. Acervo Daniela Kappes



Praça Dante Alighieri, c. 1940



Praça Dante Alighieri, c. 1940



Inauguração do Aeroporto Municipal de Caxias do Sul, 1942

Valério Antônio Zattera

Filho de Domenico Zattera e de Melânia Lora, Valério Antônio Zattera nasceu em 28 de novembro de 1911 em Charqueadas, zona rural de Caxias do Sul. Primogênito de uma família de cinco irmãos, começou a trabalhar antes dos dez anos, prática comum nas pequenas propriedades agrícolas da região de colonização italiana. Além de agricultor, Valério exerceu outras atividades: oleiro, barbeiro, pintor, comerciante, enólogo prático. Residindo em Caxias do Sul, trabalhou na Estação Experimental de Viticultura e Enologia e, posteriormente, na Indústria Caxiense de Molduras, onde permaneceu por 35 anos. Casou em 1937 com Augusta Nichele, nascendo dessa união os filhos Hugo e Ivone.

Valério se interessou pela fotografia ao ganhar uma máquina 6x9 tipo caixão como prêmio pela distribuição de almanaques de laboratório farmacêutico. O aprendizado adveio da observação e da prática, incorporando também as lições de Giacomo Geremia por ocasião das vindas a Caxias do Sul para adquirir material fotográfico. Iniciou em meados da década 1930, registrando momentos da vida familiar. Continuou o autoaprendizado fotografando cenas de trabalho, festejos familiares e da comunidade. Posteriormente, adquiriu uma Agfa 6x9, que operava com chapa de vidro e filme. Logo se tornou o fotógrafo da comunidade, sendo chamado para os registros de casamentos, primeiras comunhões, aniversários e velórios.

"Às vezes eu estava trabalhando na roça, lá na outra encosta do morro e alguém chegava na minha casa. A mãe ou alguém gritava: Valério volta, tu tens que ir pra Loreto, faleceu o fulano e querem a fotografia. Então eu largava a enxada, tomava banho, encilhava o animal e ia. Chegando lá ajudava a tirar do caixão, encostava na parede para evitar que caísse pra frente, e batia a fotografia. Meu Deus!"

(Valério Antônio Zattera, 14 de abril de 1988)

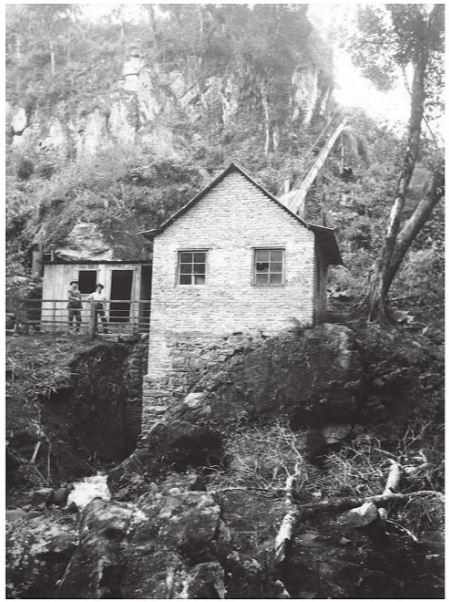
Nos primeiros anos de atividade, Valério revelava seus negativos de vidro, posteriormente este serviço foi executado pelo Studio Geremia. Eventualmente fez uso da fotopintura para colorir seus retratos e, quando o fazia, fornecia a moldura a ser pendurada na sala de visitas. Exerceu a profissão de fotógrafo por 15 anos, sempre aliando diferentes ofícios. Quase espontâneas, suas fotografias não apresentam os elementos cênicos dos luxuosos ateliês urbanos. Capturadas em vários ambientes - doméstico, rural, religioso, recreativo - e tendo como acessórios arados, enxadas, santos e madonas, essas imagens mostram a vida da sua comunidade. A espontaneidade e simplicidade das cenas captadas sugerem emoções, valores, costumes, crenças e o desejo compartilhado de perpetuar a vida.



Valério Antônio Zattera

Por volta de 1948 Valério, acompanhado da família, transfere residência para Caxias do Sul. A

partir de então, a fotografia se tornou um passatempo, hobby que o acompanhou até idade avançada. Faleceu em 15 de outubro de 1996. Deixou um significativo acervo de negativos de vidro para sua nora, Véra Stedile Zattera, pesquisadora de usos e costumes da Universidade de Caxias do Sul, e que é exposto, hoje, no "Acervo Documenta" da mesma instituição.



Usina elétrica de Luis Rossato (esquerda), 1940. Conceição da Linha Feijó. Caxias do Sul, RS. Acervo Véra Stedile Zattera



Luís Rossatto pescando no Rio Belo, c.1942. Caxias do Sul, RS. Acervo Véra Stedile Zattera



Construção do obelisco na praça Murialdo, 1941. Conceição da Linha Feijó. Caxias do Sul, RS. Acervo Véra Stedile Zattera



Enchente do Rio Belo, 1943. Moinho (direita) e residência (esquerda) de Atílio Luis Rossato. Conceição da Linha Feijó. Caxias do Sul, RS. Acervo Véra Stedile Zattera



Teste de arado. Ferramentas Agrícolas Fabris, c. 1940.
Conceição da Linha Feijó, Caxias do Sul, RS. Acervo Véra Stedile Zattera



Família Mengatto e amigos, c. 1943. Ao centro, sentado, o Prefeito Dante Marcucci.
Conceição da Linha Feijó. Caxias do Sul, RS. Acervo Véra Stedile Zattera



Bloco de carnaval "A Trinca do Barulho", c.1940. Conceição da Linha Feijó.
Caxias do Sul, RS. Acervo Véra Stedile Zattera



Inauguração da Gruta Nossa Senhora de Lourdes, 1943. Conceição da Linha Feijó.
Caxias do Sul, RS. Acervo Véra Stedile Zattera



Noivos não identificados. c.1945. Conceição da Linha Feijó. Caxias do Sul, RS. Acervo Véra Stedile Zattera



Zelinda Pedroni Bettiato e Alziro Bettiato, 1948. Conceição da Linha Feijó. Caxias do Sul, RS. Acervo Véra Stedile Zattera



Comungantes, c.1940. Conceição da Linha Feijó. Caxias do Sul, RS. Acervo Véra Stedile Zattera



Velório de criança não identificada, c. 1947. Forqueta. Caxias do Sul, RS. Acervo Véra Stedile Zattera



Família de Guilherme e Deolinda Onzi Menegotto, 1941. Conceição da Linha Feijó. Caxias do Sul, RS. Acervo Véra Stedile Zattera

Amadeu Zinani

Amadeu Zinani nasceu em 27 de maio de 1912, Terceira Légua, Caxias do Sul. Até os vinte dois anos viveu na casa paterna, trabalhava na roça e na ferraria da família, forjava o ferro para moldar ferramentas agrícolas e utensílios domésticos. Em 1934 casou com Leonilda Lorenzoni, vizinha e amiga de infância. A nova vida incitou o desejo pela independência. Erechim acenou-lhe como uma promessa; se outros se aventuraram e venceram, com trabalho e fé também haveria de prosperar.

O jovem casal Zinani se estabeleceu em Erechim em 1934. Inicialmente Amadeu trabalhou na fábrica de esquadria de José Madalosso. Ao reencontrar Antenor Dal Bosco, fotógrafo itinerante conhecido na Terceira Légua, mostrou interesse em aprender o ofício. O aprendizado custou-lhe 30 mil réis; com o equipamento fotográfico adquirido no estúdio de Manoel Tomazoni, montou seu ateliê na própria residência.

Amadeu começou a fotografar com uma máquina tipo caixão com fole. A sua câmera permitia o uso de negativos 13x18 e 18x24. Para fotos menores, 3x4, 9x18, cortava os negativos com diamante para vidro, tarefa executada no laboratório sob uma tímida luz vermelha. Permaneceu na cidade de Erechim por cerca de três anos, atuando como fotógrafo de estúdio, mas principalmente como itinerante. A presença de fotógrafos reconhecidos inibia o pequeno estúdio. Buscando um mercado menos disputado, Amadeu se transferiu para Barra do Rio Azul, permanecendo pouco tempo no pequeno povoado.

O próximo endereço da família Zinani foi Barão de Cotegipe, então distrito do Município de Erechim. Amadeu conjugou ao trabalho de fotógrafo a atividade de barbeiro. Como fotógrafo de estúdio, dedicou-se aos retratos e fotos para documentos; como itinerante, andou por vilas e fazendas registrando festas familiares, solenidades religiosas, além de retratos de noivos, de primeiras comunhões e de famílias inteiras. A revelação dos negativos era executada em seu laboratório, o que motivava o retorno para a entrega das fotografias. Os Zinani permaneceram treze anos em Barão de Cotegipe. Pensando na educação dos filhos – Orfeu, Danilo e Claire – Amadeu e a esposa decidem voltar a Caxias do Sul, tal ocorreu em 1950.

Em Caxias, Amadeu Zinani deixou de atuar como fotógrafo itinerante. Instalado na Av. Rio Branco, nº. 668, o novo domicílio abrigava a função de moradia e estúdio. O ateliê era amplo, porém singelo. Integrava a sala de poses um telão neutro, genuflexório destinado aos ritos religiosos, cadeiras, móveis ornados com guardanapos de crochê e vasos com flores colhidas no próprio quintal. O ambiente era ajustado conforme a cerimônia: primeira comunhão,



Amadeu Zinani. Acervo Claire Zinani

noivos, formaturas, quinze anos. A localização no subúrbio, o custo das fotografias, certamente mais modesto que os estúdios tradicionais, atraiu uma clientela composta principalmente por membros da classe média – operários, comerciários, professores.

Amadeu Zinani despediu-se da profissão em 1975, uma trajetória profissional de 41 anos sempre trabalhando com a mesma câmera e com chapas de vidro. À exceção de 28 negativos, doados ao Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami pelo próprio fotógrafo, os demais foram reutilizados para compor porta-retratos e vidraças de janelas. Aposentado, desfrutou do convívio da família e dos amigos com quem partilhava o gosto de tocar bandoneon e jogar quatrilho. Faleceu em 2002, aos 90 anos.



Leonilda Lorenzoni e Amadeu Zinani com o afilhado Dagoberto Santiago, c.1955.
Retrato obtido utilizando timer. Acervo Claire Zinani



Aniversário de Maria Tomazoni, c. 1956. Terceira Légua. Caxias do Sul, RS. Acervo Claire Zinani



Juventude Franciscana da Paróquia Imaculada Conceição, 1954. Acervo Claire Zinani



Primeira Comunhão na Paróquia Imaculada Conceição, 1955. Acervo Claire Zinani



Festa da Nossa Senhora da Imaculada Conceição, 1955. Acervo Claire Zinani



Ivone e Lourdes Guerra com a amiga Claire Zinani, 1965.
Acervo Claire Zinani



Vanderleia Aver na primeira comunhão, c. 1966. Acervo Claire Zinani



Claire Zinani (sentada) e Clari Lorenzoni, c. 1955. Acervo Claire Zinani



Valmor Aver na primeira comunhão, 1953. Acervo Claire Zinani



Iria Lorenzoni, na primeira comunhão, e Clari Lorenzoni, de anjo, c. 1952. Acervo Claire Zinani



Mario e Nelson Lorenzoni, c. 1944. Erechim, RS. Acervo Claire Zinani



Neiva Zinani na primeira comunhão, c. 1958. Acervo Claire Zinani

Ary Ayres Cavalcanti

Filho de Luiz e Adelina Corrêa Cavalcanti, Ary Ayres é neto de Antônio de Pádua de Holanda Cavalcanti, juiz pernambucano vindo ao Rio Grande do Sul para exercer a função de magistrado. Adepto de Júlio de Castilhos, seu pai combateu na Revolução de 1893, conflito armado que envolveu dois grupos políticos: pica-paus (republicanos) e maragatos (federalistas). O que era um desacordo ideológico entre oligarquias resultou na morte de pelo menos 10.000 pessoas, se transformando em um dos episódios mais sangrentos da história do Rio Grande do Sul. Com a saúde debilitada pela guerra, Luiz deixou a vida campeira para residir em Caxias do Sul, onde trabalhou como tabelião e escrivão.

Ary Ayres Cavalcanti nasceu em Caxias do Sul em 22 de janeiro de 1912, o único filho dentre as irmãs Alice, Aleny e Aury. Com a morte do pai, a mãe assumiu o encargo de educar e criar os filhos; trabalhando como costureira, Adelina manteve a família unida. Aos 12 anos, Ary começou a trabalhar com o fotógrafo Alexandre Kenigi, auxiliava nos retoques dos negativos de vidro e corrigia, a crayon, as imperfeições dos retratos fotográficos. Trabalhou com Kenigi até o alistamento militar, quando o fotógrafo lhe comunicou a transferência para Porto Alegre, convidando-o para trabalhar como retocador, quando saísse do exército.

Cumprido o serviço militar, Ary Cavalcanti mudou-se para Porto Alegre em 1930. Trabalhando como fotógrafo e retocador no estúdio de Alexandre Kenigi, iniciou sua formação artística na Escola de Belas Artes. O aprendizado artístico deu-se dentro da academia e dos ateliês fotográficos, especialmente com Vicenzo Cervasio (mestre Gervásio), colaborador do fotógrafo Virgílio Calegari. Aliando ensino acadêmico e conhecimento dos processos fotográficos, Ary adquiriu refinamento técnico dentro do gênero da fotopintura. A habilidade o tornou conhecido, sendo convidado por vários fotógrafos para trabalhar em seus estúdios. Nos quatro anos que permaneceu em Porto Alegre, trabalhou, simultaneamente, para o "Atelier Photographico Alexandre Kenigi" e "Photographia Azevedo Dutra". Nas férias retornava a Caxias do Sul, quando executava trabalhos para os fotógrafos Júlio Calegari e Giacomo Geremia.

Discreto e introvertido, Ary tinha poucos amigos, morava em pensão, compensando a solidão no trabalho e nos livros. Sentindo-se atraído pelo



Ary Cavalcanti



Envelope do Studio Cavalcanti

aconchego da família e pela simplicidade da vida interiorana, retornou a Caxias do Sul em 1934. Já conhecido pelos seus dotes na técnica fotopintura, foi convidado para trabalhar no Studio Geremia, exercendo as funções de fotógrafo, laboratorista, crayonista e fotopintor. Dedicou-se aos retratos oficiais, especialmente de pesonalidades políticas e da elite local. Essas pessoas buscavam aparentar atributos que indicassem sua posição na sociedade. Para isso, Ary esmerava-se na ambientação, na formalidade da pose e efetuava os acréscimos solicitados pelo cliente.

"Chamávamos fotoóleo. Fazíamos uma ampliação leve, a fotografia ficava num tom esmaecido. Então, enrolava um algodão num pequeno bastão, como um cotonete, e ia colorindo. Para ficar esfumaçada, virava um pouco para o outro lado e depois usava o pincel. Se tinha uma gravata torta, uma lapela



Bernadete Mocelin, 1948

dobrada, eu ajustava, fazia a vestimenta de acordo com a pessoa; ficava uma verdadeira obra-prima. Os estúdios tinham que ter um pintor, quer dizer, um fotógrafo pintor, só um pintor não fazia esses retratos. [...] Naquele tempo não tinha fotografia colorida, os estúdios fotográficos tinham que usar os pintores para colorir. Eu era viciado em retratos oficiais." (Ary Ayres Cavalcanti, 24 de agosto de 1984)

Fotografando, retocando, desenhando, pintando Ary Cavacalti permaneceu no Studio Geremia até 1947, quando abriu o próprio ateliê em sociedade com Mauro De Blanco. A parceria foi breve, um ano depois o " Studio Cavalcanti e de Blanco" encerrava suas atividades. Ary, então, convidou Antônio Bartholomeu Beux, colega de trabalho no Studio Geremia, para abrir um novo estúdio. Beux aceitou o convite, jutando-se também os sócios Cândido Calcagnotto, Rui Bergmann, João de Oliveira Viegas, que não eram profissionais da fotografia. Localizado na Av. Júlio de Castilhos, nº 1657, o estúdio foi vendido para Clemente Tomazoni em 1950.

Ao longo de sua vida profissional, Ary Cavalcanti trabalhou como escultor, fotógrafo, pintor e professor. Suas esculturas geralmente eram bustos encomendados para homenagear personalidades falecidas. Para executar esse trabalho fazia uso de fotografias, não deixando de transferir para a imagem a sua interpretação pessoal. Esculpiu cerca de 160 bustos, que se encontram espalhados pelas praças e parques do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Entre tantas obras destacamos as esculturas de Dom José Baréa, Dante Marcucci, Carlos Barbosa, Joaquim Mascarello, o casal Érico e Celestina Raabe, Joaquim Pedro Lisboa, Charles Désiré Joseph Herbaux, mais conhecido pelo nome religioso Irmão Afonso. Produziu aproximadamente 300 óleos sobre tela, a maioria personalidades de destaque na sociedade e na política caxiense. Também é autor do mural que se encontra em uma das paredes do CTG Rincão da Lealdade, entidade que ajudou a fundar. A obra realça cenas da vida campeira e elementos do folclore gaúcho. A maioria de suas fotopinturas não levam a sua assinatura, constando apenas a autoria do estúdio fotográfico onde foram executadas. A trajetória profissional de Ary Cavalcanti também foi marcada pela sua atuação como fundador e presidente da Associação dos Fotógrafos Profissionais de Caxias do Sul.

Ary Cavalcanti trabalhou para a Metalúrgica Abramo Eberle como professor de desenho artístico e de gravação. Formou desenhistas e gravadores, cuja habilidade estão presentes na variedade dos artigos de metais nobres produzidos por essa empresa.

Na vida privada, Ary pouca saía de casa, quando o fazia caminhava discretamente pelo centro da cidade à procura dos velhos amigos para rememorar o passado. Era um homem profundamente religioso, abraçou o kardecismo com a mesma dedicação que fez com a arte. Foi presidente do Centro Espírita Fora da Caridade Não há Salvação e coordenou as atividades da Casa da Criança (Centro Cultural Espírita Jardelino Ramos), entidade que agrega estudo da doutrina espírita e trabalho social. Era um leitor apaixonado, só dividindo o tempo livre com o arqueirismo, fundando o clube para praticá-lo.

Vitimado por colapso cardíaco, Ary Ayres Cavalcanti faleceu em 18 de agosto de 1994. Admirado pelo seu rigor estético, permanece na memória da cidade como "o poeta da fotografia".



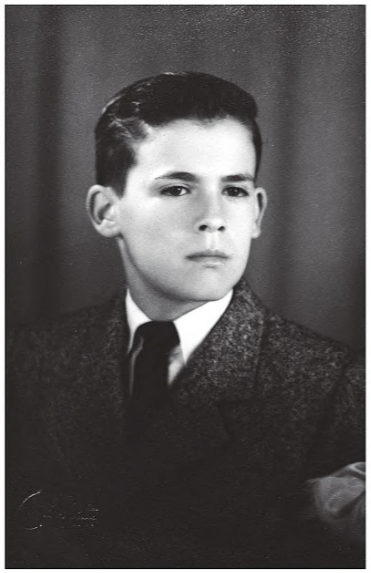
Ary Cavalcanti na cobertura fotográfica da Festa da Uva de 1950. Foto Studio Geremia



Primeira comunhão de Isabel Rizzardi, c. 1962



Mirca Zambelli, c. 1955



Luiz Mezzalira Filho, c.1965



Maria Elisa Eberle, 1950



Família Wagner, 1949



Aniversário de Antônio Mano celebrado na Tanoaria San Martino, 1948. Acervo Tadiane Tronca



Praça Rui Barbosa, atual Praça Dante Alighieri, 1950



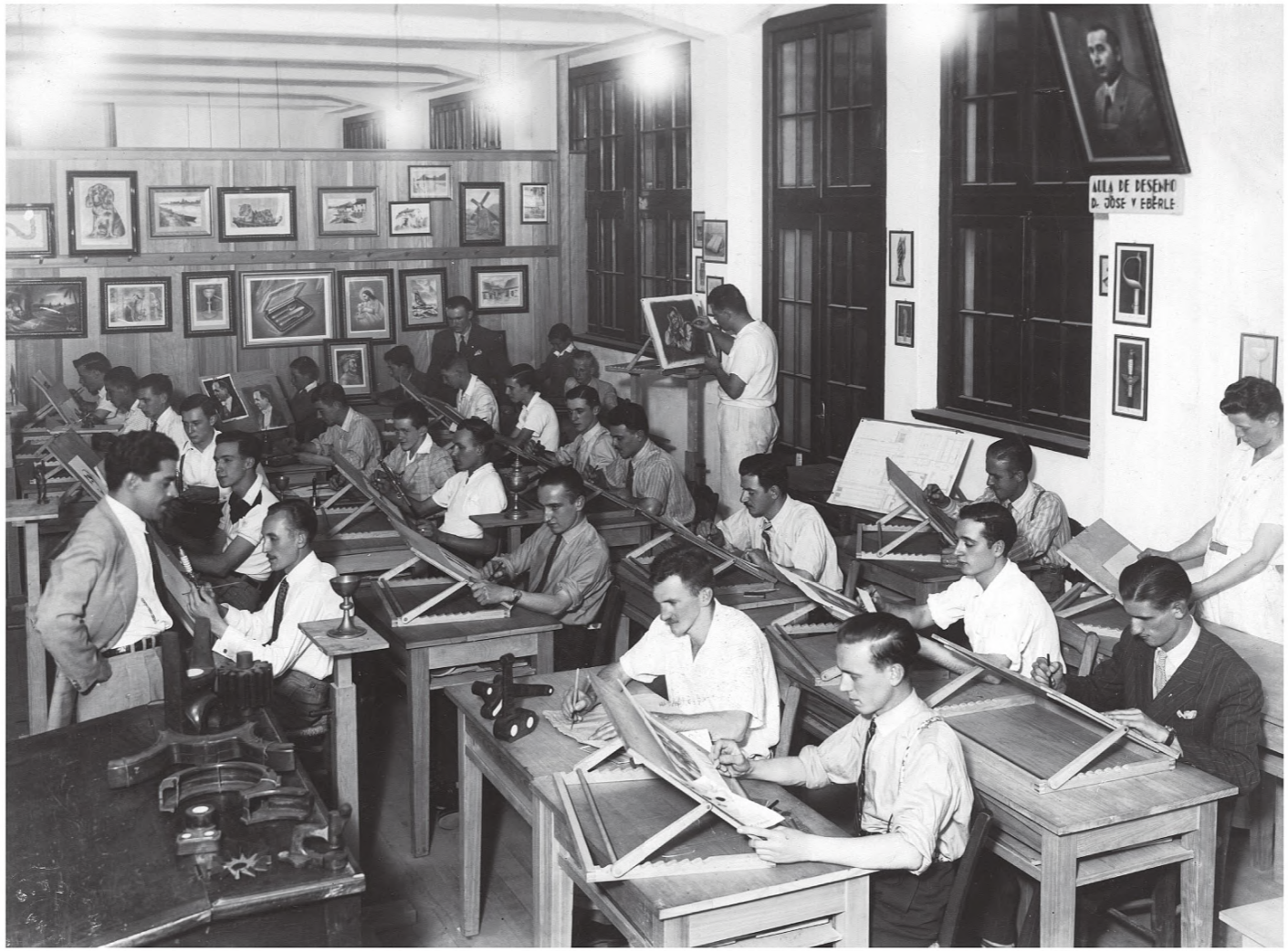
Caçadores, 1950. Av. Júlio de Castilhos, esquina com Moreira César



Honeyde Bertussi (a direita), músico tradicionalista gaúcho, c. 1948. Criúva, Caxias do Sul, RS



Bernadete Mocelin, 1962. Pintura sobre fotografia



Ary Cavalcanti em aula na escola de desenho artístico da Metalúrgica Abramo Eberle "Dr. José Venzon Eberle", 1940. Foto Geremia

Mauro De Blanco

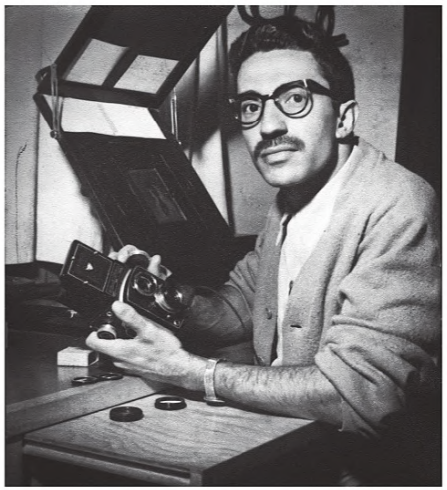
Nascido em Bagé, RS, em 20 de dezembro de 1923, Mauro De Blanco é filho de Claudino e Aurila Couto De Blanco. Natural de Odense, Espanha, Claudino deixou a terra natal após a Primeira Guerra Mundial para evitar o serviço militar. Além da bagagem, trazia o ofício de sapateiro, uma tradição na família. Estabelecido em Bagé, casou com Aurila Couto, nascendo dessa união os filhos Mauro e Maria Helena. Não foi a família e sequer a profissão que deu paradeiro a Claudino. Levando consigo a esposa, os filhos e os instrumentos de trabalho, viveu em Rio Grande e, posteriormente, seguiu para o Rio de Janeiro, Espanha e Montevidéu. Retornando a Bagé, a família De Blanco ainda residiu em Santana do Livramento e, finalmente, Porto Alegre.

A infância de Mauro não foi apenas partidas e chegadas. Aos dez anos, já andava pelas ruas de Porto Alegre como jornaleiro, entregador de pão e, mais tarde, como redator de textos comerciais para o serviço de alto-falantes da Praça XV. Estudava à noite na Escola Técnica Estadual Parobé. Aos 14 anos, andando pela Rua Marechal Floriano, um anúncio afixado na porta do "Studio Aurora" o deteve: "Precisamos de aprendiz". O estúdio pertencia a Sioma Breitman, também proprietário de outros dois ateliês fotográficos: em Cachoeira do Sul e a "Casa Aurora", em Santa Maria.

Iniciava ali a carreira de fotógrafo de Mauro De Blanco.

Com a Carteira Profissional assinada em 12 de fevereiro de 1937, Mauro De Blanco começou seu aprendizado pelo laboratório: revelava e lavava os negativos de vidro, além de preparar o revelador e o fixador seguindo as fórmulas prescritas. Seu aprendizado continuou em Bagé, onde trabalhou no estúdio de Francisco Barnils de 1939 a 1941. Fazendo uso de lápis e raspadeira, aprendeu a retocar negativos em vidro, buscando melhorar a qualidade da imagem ou suprimir imperfeições, como rugas, manchas, sulcos faciais. Em idade para prestar serviço militar, deixou o trabalho para servir no Regimento de Cavalaria.

Retornando a Porto Alegre, Mauro trabalhou alguns meses na "Foto Apolo" de propriedade de Silvino Otto. Almejando outros rumos para a sua vida, o jovem aprendiz apresentou-se como voluntário junto ao Ministério da Aeronáutica, Rio de Janeiro. Não aceito, trabalhou para os estúdios "Ávila" e





Mauro De Blanco





Estúdio do fotógrafo na Av. Júlio de Castilhos, c.1968

"Nikolas". Na então capital do Brasil, Mauro entrava em contato com técnicas mais modernas e incorporava novos conceitos estéticos: rompimento com o tradicionalismo e mudanças de paradigmas para a prática da fotografia como expressão artística. A notícia da doença do avô o trouxe de volta ao Rio Grande do Sul. Nesse retorno, um novo começo. Em Porto Alegre, Mauro conheceu Giacomo Geremia, que procurava um auxiliar para trabalhar em seu estúdio em Caxias do Sul. A proposta era irrecusável.

"Ele me ofereceu 800 mil réis. Eu pagava de pensão - casa, comida, roupa lavada - 150. Era um grande salário, maior que o do Banco do Brasil." (Mauro De Blanco, 15 de setembro de 1987)

Mauro trabalhou no Studio Geremia de 1943 a 1950 como retocador. O desejo de ter o próprio ateliê fez nascer a sociedade com o colega Ary Cavalcanti e a abertura do "Studio Cavalcanti e De Blanco". A parceria foi breve, após dois anos Mauro retornava ao Studio Geremia, permanecendo até 1957.

Em fevereiro de 1958, com o nome "De Blanco Fotografias", Mauro inaugurava seu estúdio sito na Rua Dr. Montaury, nº. 707. Fazendo uso do claro-escuro e do movimento, difundia em Caxias um novo estilo de fotografar. Aboliu o retoque e os cenários suntuosos. O que atraía o olhar deste fotógrafo era a luz e a sombra incidindo sobre paisagens, rostos e corpos em movimento. Em 1965, transfere-se para a Av. Júlio de Castilhos, n° 1648, transformando o novo endereço no espaço por excelência dos retratos. Utilizando poucos recursos cênicos e tendo a luz como aliada, Mauro retratou noivas, atrizes, rainhas e princesas da Festa da Uva, produziu ensaios fotográficos, uma prática habitual entre as famílias abastadas da cidade.



Ruth F. Lorré, 1962

Em 1982, desativou o estúdio, concentrando a vida profissional e privada em sua casa no Bairro Jardim Margarida.

Ao longo de mais de 50 anos de atividade, deu preferência ao retrato, mas também dirigiu o olhar e as câmeras para personagens anônimos das ruas e fábricas. Nas fotografias para jornais e revistas, capturou flagrantes do cotidiano, registrou eventos culturais e esportivos, principalmente jogos de futebol. O envolvimento com as artes o levou a participar do Ateliê de Teatro da Aliança Francesa (1958-1964). Como amador participou da peça Arsênico e Alfazema; como fotógrafo, registrou ensaios, cenas no camarim e no palco, documentando com maestria uma época de efervescência cultural da cidade. Ampliou suas atividades, prestando serviços à Metalúrgica Abramo Eberle por cerca de 40 anos. Além de fotografar produtos para catálogos, calendários e revistas, seu olhar captou pessoas e máquinas na linha de produção. A partir de 1970 estendeu seus serviços publicitários para a Metalúrgica Bellini, Grupo de Zorzi, Randon S.A., Grupo Stédile, Lanifício Sehbe, Fasolo Artefatos de Couro LTDA, entre outras. Especulando efeitos de luz, escolhendo o melhor ângulo, criando equipamentos, Mauro é da geração dos pioneiros na fotografia publicitária caxiense. Comprometido com sua categoria profissional, fundou a Associação dos Fotógrafos Profis-

sionais do Rio Grande do Sul e a Associação dos Fotógrafos de Caxias do Sul, seu propósito era regulamentar a profissão.

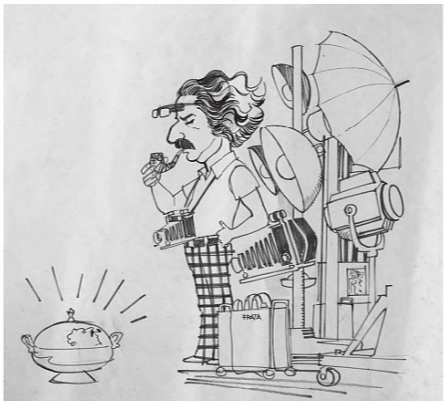
"A fotografia publicitária é fascinante, é um outro tipo de fotografia. O fotógrafo publicitário é quase um engenheiro, o camarada tem que inventar coisas para fazer uma fotografia. [...] Tem um produto, o fotógrafo olha: é irrealizável. A maioria das vezes dá pra fazer, mas precisa de engenharia, por isso que ela desafia. A fotografia publicitária não é monótona, é muito vibrante, é um trabalho muito bonito." (Mauro De Blanco, 15 de setembro de 1987)

No tempo livre, Mauro dava vazão ao seu talento fotografando a paisagem rural: capelas com seus campanários, os parreirais cobrindo as encostas, a colheita da uva, as cantinas de pedra, as casas de madeiras com telhados contornados de lambrequins, a cerração cobrindo o horizonte, costumes e tradições arraigados nas pessoas e na paisagem. Gostava de caminhar pelo centro da cidade e dar uma passada no Bar Treze para tomar um cafezinho, ler o jornal, manter-se atualizado sobre fatos locais, reencontrar amigos e observar à distância as acaloradas discussões políticas. Recebeu dos amigos o apelido Hipocampus, pelo perfil alusivo a de um cavalo marinho. Profissionalmente, deixou de fotografar por volta de 1985, preferindo o refúgio da família em meio às árvores e flores por ele cultivadas. Pela manhã, sempre o mesmo ritual: acordar às seis horas, ler o jornal, tomar café, ouvir a Rádio Gaúcha, contemplar a natureza fumando cachimbo.

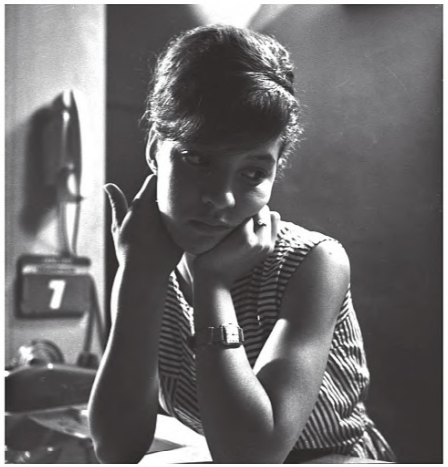
Mauro faz parte da geração de fotógrafos que passou pelas chapas de vidro, pelo retoque para corrigir e embelezar retratos. Acompanhou a evolução da fotografia, sempre atento a dar singularidade ao seu trabalho. Faleceu em 19 de outubro de 2010. A sua trajetória profissional está agrupada nos negativos e positivos que ele próprio preservou e que retrata mais de meio século da história da fotografia em Caxias do Sul. Doado pela esposa Sara De Blanco, em 2012, este acervo se encontra no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, resguardando o acesso das gerações atuais e das que estão por vir.



Prêmio Internacional em Calcutá, Índia, 1959



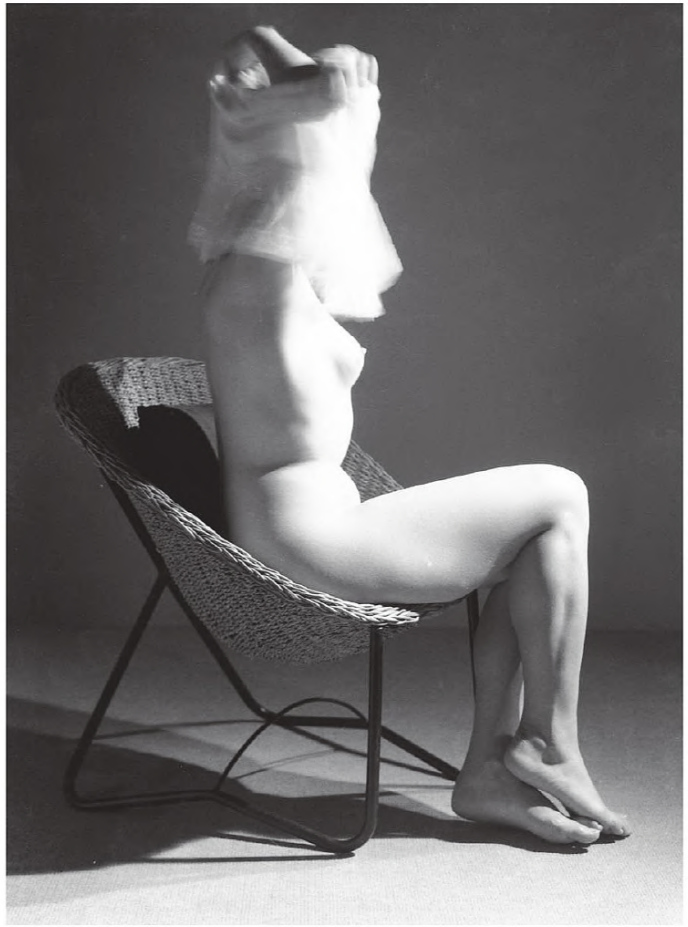
"O desafio de fotografar um objeto reluzente". Autor não identificado, 1970



Elisabeth De Blanco, 1963



Prêmio Helsinki Exibition of Photography Art, Finlândia, 1959



Prêmio Salão Internacional de Arte Fotográfica RS, 1961

Exposições e Prêmios

- Fotógrafo dos Jornais: A Época, O Momento, Diário do Nordeste, O Pioneiro (Caxias do Sul), Correio do Povo, Diário de Notícias, Folha da Tarde (Porto Alegre)
- Prêmio da melhor fotografia (Inferno de Dante), concurso nacional da Revista "Aconteceu", Rio de Janeiro, 1952
- Organizador do 1º Salão de Amadores da Arte Fotográfica de Caxias do Sul, 1955
- Prêmio: Helsinki Exibition of Photography Art, Finlândia, 1959
- AOP Calcutá Internacional of Photography, Índia, 1959
- Prêmio Pondicherry Salon, Índia, 1959
- Prêmio Salão Internacional de Tóquio, Japão, 1961
- Prêmio Aliança Francesa – Salão Internacional, 1962
- Prêmio Foto Cine Gaúcho, 1962
- Prêmio Salão Internacional de Arte Fotográfica do RS, 1962
- Prêmio 2° Salão Internacional de Nova Friburgo, 1962



"Inferno de Dante". Primeiro prêmio no concurso nacional da revista Aconteceu, RJ.

Incêndio da Ferragem Caxiense, 1952. Tomada a partir da Praça Dante Alighieri



Joanita Leitão (à esquerda), Mauro de Blanco e Yara Mattana. Bastidores do Teatro da Aliança Francesa, 1960



Nilton Scotti e Zilah Dankwardt de Azevedo na peça À Margem da Vida, 1960



Clóvis Mezzomo, Haidée Colussi, Renan Falcão de Azevedo, Zilah Dankwardt Azevedo e Mauro de Blanco (da esquerda para direita), na peça Arsênico e Alfazema, 1961



Waldira Danckwardt e Any Danckwardt, nos bastidores da peça O Cavalinho Azul, 1962



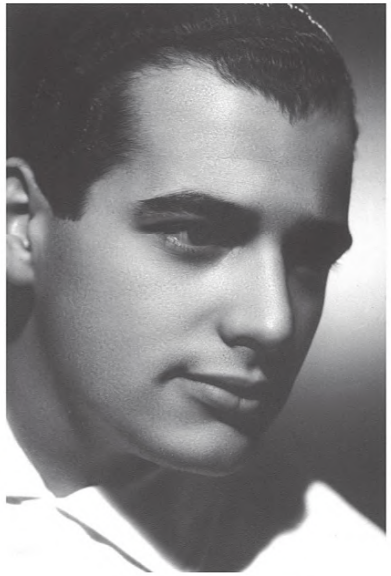
Irmgard Bornheim (esquerda), Rose Spinatto e Nilton Mazzochi na peça Pluft, o Fantasminha, 1958



Evandro Parisotto, 1960



Mulher não identificada ,1961



Homem não identificado



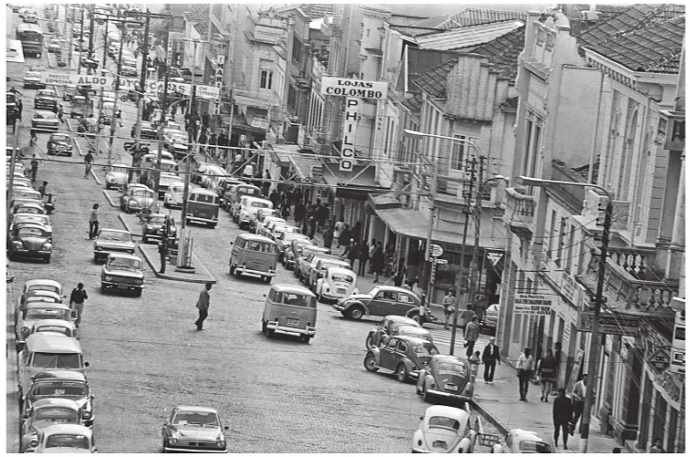
Seção de gravação da Metalúrgica Abramo Eberle S.A, c. 1972.
Bruno Segalla



Alexandre Lucchese, 1972



Engraxate. Praça Dante Alighieri, c. 1972



Av. Júlio de Castilhos, esquina com Dr. Montaury, c. 1978



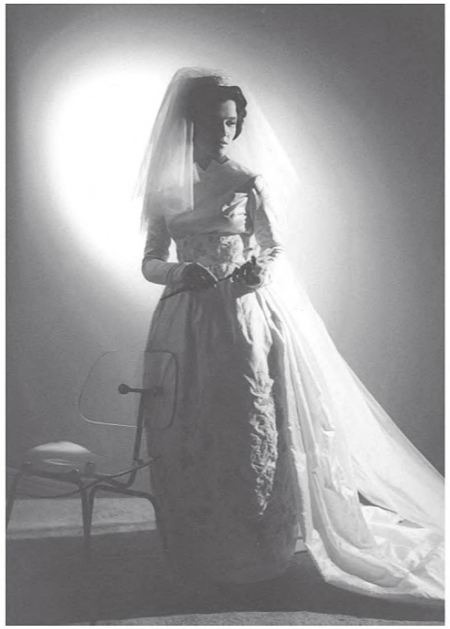
Fundição da Metalúrgica Abramo Eberle S.A, 1957



Visita do Presidente Juscelino Kubitscheck (à direita) e do Presidente da Itália Giovanni Gronchi. Sentados: General Nelson de Mello, Vice-presidente João Goulart e Prefeito de Caxias do Sul, Ruben Bento Alves, no banco traseiro, 1958



Noiva não identificada, 1959



Anna Heliete Letti Casara, c. 1964.
Acervo Janete Kriger



Noiva não identificada, c. 1965



Verônica Sehbe, 1960



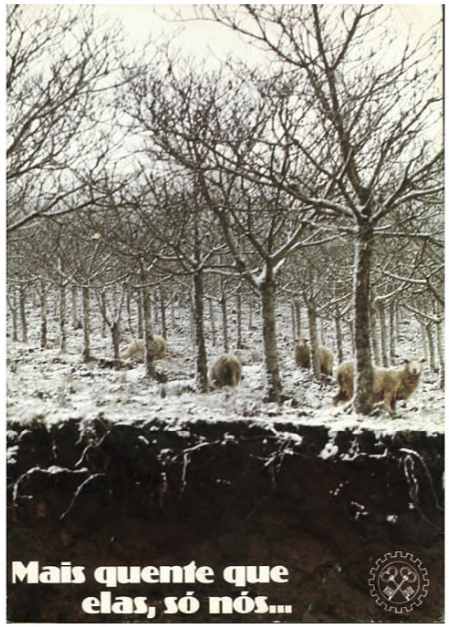
Ivan Bellini na primeira comunhão, c. 1957



Meninas não identificadas na primeira comunhão, c. 1958



Fotografias publicitárias



Fotografias publicitárias



Fotografias publicitárias

Clemente Tomazoni

Nascido em Caxias em 11 de setembro de 1919, Clemente Tomazoni é filho de Ângelo Tomazoni e Albina Colomba Pergher Tomazoni.

Natural de Rovereto, comuna italiana da região Trentino-Alto Ádige, Ângelo Tomazoni deixou a Itália aos doze anos, juntamente com os pais e irmãos. A imigração para o Brasil confunde-se com a de outros milhares de compatriotas que buscaram em outras terras o pão que a pátria lhes negava. A família Tomazoni chegou na Colônia Caxias em janeiro de 1877, estabelecendo-se no Travessão Santa Rita da Terceira Légua. O casamento de Ângelo com Albina deu-lhe os filhos Manoel, Francisca, Elisa, Margarida, Judith, Madalena, Clementina, Angelina, Benjamim, Frederico, Lourenço, Aquiles e Clemente. Se a terra era atrativa para os pais, não o foi para a maioria dos filhos. Um dos primeiros a buscar outros horizontes foi Manoel. Antes, porém, aprendeu o ofício da fotografia com Júlio Calegari.

Manoel Tomazoni tomou o rumo das "terras novas", para onde seguiram muitos dos descendentes dos primeiros imigrantes. Fixou residência na cidade de Erechim em meados da década 1920. Levando na bagagem o seu aprendizado de fotógrafo e as melhores máquinas disponíveis no mercado, abriu seu estúdio com o nome de "Foto Tomazoni". Dedicou-se aos tradicionais retratos individuais, de família, de noivos, além de fotografar vistas urbanas, festas religiosas, inaugurações de obras públicas, acontecimentos sociais e políticos. Viajou pelo interior para fazer retratos de famílias camponesas e fotografar momentos festivos das comunidades rurais. Este fotógrafo de espírito empreendedor, no final da década 1940, iniciou suas primeiras experiências de cinegrafista com a criação da "Tomazoni Filmes". Como produtor e cinegrafista, Manoel registrou os principais eventos de Erechim e cidades da serra gaúcha, especialmente Caxias do Sul, além de produzir filmes promocionais de empresas.

Aos quinze anos, com a certeza que emana da alma, Clemente Tomazoni não desejava trabalhar na terra, almejando ser fotógrafo. Mas como dizê-lo, se o pai desejava que ele fosse padre? Apreensivo, perguntava-se: cinco filhas freiras não é o bastante para deixá-lo feliz? Favorecido pela cumplicidade da mãe, Clemente fugiu de casa para morar com o irmão Manoel. Embarcou na carroça da família e seguiu para Caxias. Próximo à estação férrea, despediu-se do cavalo, apontando o caminho de volta. Clemente embarcou no trem e seguiu para Erechim; o cavalo retornou para o estábulo de onde viera.



Clemente Tomazoni

Em Erechim, Clemente começou a trabalhar no estúdio "Foto Tomazoni" como auxiliar de laboratório, passando por todas as etapas que envolvem o processo de revelação, ampliação e impressão das

imagens fotográficas. O passo seguinte foi aprender a retocar, a mexer com a máquina, a usar e interpretar a luz, a escolher o melhor enquadramento das poses e cenas a fotografar. O seu talento se revelou no retoque, habilidade que exerceu ao longo da sua trajetória profissional. Começando pelo formato 3x4, Clemente evoluiu para os retratos e, também, viajava para o interior para fotografar casamentos, batizados e as sagas religiosas. Trabalhou como funcionário da "Foto Tomazoni" até 1950, quando decidiu montar seu próprio estabelecimento.

Casado e pai de dois filhos, Clemente retornou a Caxias do Sul, cidade que escolheu para realizar sua independência profissional. Situado na Avenida Júlio de Castilhos, nº. 1657, o estúdio "Clemente Tomazoni Fotógrafo" foi inaugurado em 16 de maio de 1950. Executava todos os gêneros de fotografia: retratos artísticos, coberturas de casamentos, reportagens esportivas e sociais, além de dispor de loja especializada em equipamentos fotográficos. Por volta de 1953, o estúdio mudou de endereço, transferindo-se para a Rua Marquês do Herval, esquina com a Sinimbu. Clemente Tomazoni introduziu em Caxias do Sul a inovação de fotografar bailes e lances esportivos.

"Eu fui o pioneiro a fotografar bailes em Caxias. A gente entrava nos clubes para fotografar as pessoas dançando. Depois, se fazia as amostras, cópias pequenas para as pessoas se verem; era sagrado, o camarada se via dançando, encomendava a fotografia. Naquela época era uma novidade. Era um meio de propaganda do estúdio, um meio comercial. [...] Começamos assim. Depois eu me dediquei ao esporte, a fotografar lances nos jogos de futebol, pegava o movimento. E foi indo..."
(Clemente Tomazoni, 16 de março de 1983)



Panorâmica do Bairro Nossa Senhora de Lourdes, c. 1955

Como polo industrial, em 1950, Caxias do Sul já se definia como a cidade das oportunidades de emprego. Na colônia, os filhos mais novos deixavam a lavoura para trabalhar nas fábricas; nos municípios vizinhos, peões e arrendatários abandonavam a lida campeira para também mudar de vida. Caxias do Sul se expande para todos os lados; a população urbana, que era de 20.123 habitantes em 1940, chegou a 36.742 em 1950. Os arrabaldes, que ainda conservavam traços rurais, absorviam as mudanças, o traçado urbano ganhava novos contornos. É neste contexto que Clemente Tomazoni deixa o centro da cidade para se instalar no Bairro Nossa Senhora de Lourdes, um ponto promissor dada à existência de indústrias, vinícolas, casas comerciais e uma população tipicamente operária.

Situado à Rua Sinimbu, nº. 387, o novo estúdio abriu suas portas em dezembro de 1958. A presença de um fotógrafo no subúrbio indicava que a fotografia chegava aos extratos sociais mais populares.

No novo endereço, Clemente Tomazoni ampliou sua clientela, que também considerava imprescindível que o fotógrafo profissional fosse chamado para registrar os momentos solenes da vida. Sábado era o dia dos casamentos e o domingo dos batizados; outubro era o mês das primeiras comunhões; dezembro, das formaturas. A semana era reservada para os retratos de estúdios, para as fotos 3x4 e publicitárias; os acontecimentos eram captados no momento. Nessa fase, o aumento da clientela permitiu a abertura da primeira filial, cuja atividade se estendeu até 1961, quando foi vendida ao funcionário João Rech.



Cartão do Studio C. Tomazoni

Em 1959 a empresa passou a chamar-se "Studio C. Tomazoni", denominação que manteve até 1969. À época o filme colorido entrava no mercado. Atento às inovações, Clemente percebeu que ali estava o futuro da fotografia. Com os funcionários Waldemar Lazzarotto e João Rech firmou sociedade para montar um laboratório a cores. Ao final de um ano, a sociedade estava desfeita, Clemente adquiriu a parte dos sócios e, com o filho João Alberto, deu continuidade ao estúdio com a designação "Laboratório Foto-técnico Tomazoni Ltda.".

Em 1978, Clemente Tomazoni, João Alberto Tomazoni, Sérgio Mazzocchi (genro) e Antônio Tomazoni (sobrinho) constituíram nova sociedade com a razão social "Tomazoni Laboratório Fotográfico a Cores Ltda.". Neste mesmo ano, a empresa iniciou parceria com a Kodak, quando a loja é ampliada com a venda em atacado de equipamentos fotográficos. Em 1979, o estúdio Tomazoni inaugura sua primeira filial a cores na Avenida Júlio de Castilhos n° 1998. Nos padrões mundiais da Kodak, foram criadas outras cinco filiais nas cidades de Caxias do Sul, Novo Hamburgo, Farroupilha e Bento Gonçalves. À época, o estúdio deixou de realizar coberturas sociais, como casamentos e formaturas, restringindo-se à prestação de serviço para amadores e profissionais.

A rápida expansão do estúdio Tomazoni está associada à parceria com a Kodak e aos avanços tecnológicos que permitiram a popularização da fotografia. A adequação às inovações, no entanto, não significou a ruptura brusca com os processos antecessores. Clemente continuou trabalhando na administração da empresa e com fotografias preto e branco, cabendo a Sérgio Mazzocchi a supervisão do laboratório e o controle de qualidade; o setor comercial ficou a cargo de João Alberto. Em meados da



Enio e Ada Chiarada Arioli, 1952

década 1980, o "Tomazoni Laboratório Fotográfico" era referência em Caxias do Sul e região. Prestando serviços para fotógrafos profissionais e amadores, era um dos mais bem equipados estúdios fotográficos com quatro impressoras, dois processadores e trinta funcionários. Para acompanhar os avanços, em 1989, a família Tomazoni inaugurava a sua nova matriz ao lado da antiga; o estúdio ganhou moderna decoração, ampliou as instalações da loja, além de receber um minilab nos padrões Kodak Express.

Clemente Tomazoni casou com Odila Maria Susin, com quem teve os filhos Maria Lúcia, João Alberto e Maria Cristina. Faleceu em 14 de janeiro de 1990. Os sucessores deram continuidade ao legado



Família Susin, c. 1950



Priscila Helena na primeira comunhão, 1954

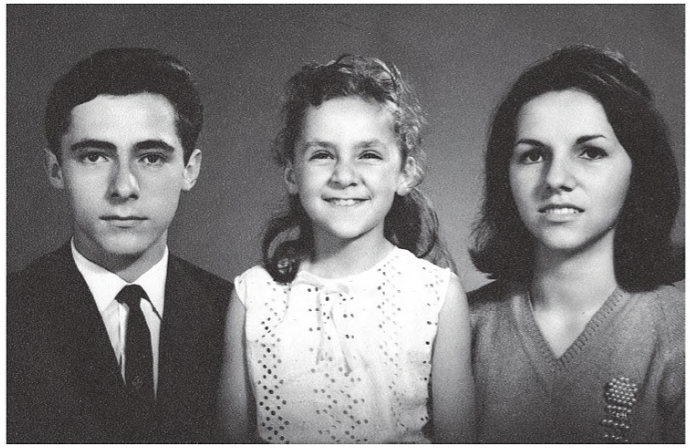
deixado por ele. A emergência da fotografia digital afetou a empresa, que tentou se adequar, contratando profissionais que dominavam a nova tecnologia. Paralelamente, fechou as filiais, cujo faturamento não compensava a sua permanência. Testemunhando o declínio da fotografia analógica, a matriz continuou sob a supervisão de João Alberto. Prestando serviços de laboratório, tratamento e edição de imagens para amadores e profissionais, o estúdio sobrevivia com dificuldades. Com a morte prematura de João Alberto em 18 de março de 2009, o "Tomazoni Laboratório Fotográfico" foi reestruturado na tentativa de reverter o processo de declínio. Em meio ao difícil processo de transição, às vésperas do natal de 2009, o velho Studio Tomazoni fechou suas portas para não mais abrir. Relata Maria Lúcia Tomazoni:

"A sensação foi muito triste. Foi uma perda, foi uma coisa que o pai começou, a gente deu a vida praticamente para que continuasse e teve que terminar. Quando começou a história do computador, o Joni [João Alberto] já dizia que a foto ia morrer".

(Jornal O Caxiense, 8 a 14 de maio de 2010)



Família de Adelina Vicenzi, c. 1940.
Erechim, RS.
Foto de Manoel Tomazoni



João Alberto, Maria Cristina e Maria Lúcia Tomazoni, filhos de Clemente Tomazoni, 1964



Av. Júlio de Castilhos, Banco Nacional do Comércio, à esquerda, e residência da família de Júlio Sassi, à direita, c. 1952



Presidente Getúlio Vargas e comitiva em campanha na propriedade de Romano Facchin, de terno escuro atrás de Vargas, 1950



Carro alegórico da Cooperativa Vinícola Aliança. Festa da Uva de 1954



Carro alegórico da Metalúrgica Abramo Eberle. Festa da Uva 1954



Casamento dos filhos de Giuseppe Vezzaro, c. 1955. Flores da Cunha, RS. Acervo Museu e Arquivo Histórico Municipal Pedro Rossi de Flores da Cunha, RS



Primórdios da Indústria de Móveis Saccaro Ltda, c. 1953

Antonio Bartholomeu Beux

Antonio Bartholomeu Beux nasceu em 12 de fevereiro de 1921 em Forqueta Baixa, à época território pertencente ao Município de Feliz, hoje Quinto Distrito de Vale Real. Seus ascendentes são naturais de Premeno, comuna italiana da região do Piemonte. Pobres e discriminados por serem adeptos da Igreja Valdense, resolveram imigrar em busca de terra e liberdade para cultuarem sua fé. Por volta de 1887, a família Beux se estabeleceu em Forqueta Baixa, que correspondia a 17ª. Légua da então Colônia Caxias. Este núcleo não estava previsto nos mapas da Comissão de Terras e Colonização, sendo agregado posteriormente em razão do estabelecimento espontâneo de imigrantes alemães e italianos. Na nova terra, os Beux se identificavam com os italianos pelos laços étnicos, linguísticos e culturais, mas não comungavam da mesma fé. Acercando-se dos alemães, adotaram a religião metodista devido à inexistência de igrejas valdenses na localidade. Filho de Marcos e Esther Premaor Beux, Antonio cresceu em ambiente multicultural: o italiano e o alemão faziam parte de seu dia a dia. A intolerância religiosa transparecia nos olhares de censura, nas expressões injuriosas, nas rixas das crianças em meio às brincadeiras.

Em 1930, os pais de Antonio resolveram deixar a vida rural para morar em Caxias, onde o avô Bartholomeu era proprietário de uma "pensão familiar". Localizada no centro da cidade, a "Pensão Beux" era um casarão de madeira de três pavimentos, um deles foi reservado à família. Foi na cidade que Antonio sofreu mais explicitamente as agruras da intolerância religiosa. De família considerada protestante, sua matrícula foi rejeitada pelas escolas católicas, restando-lhe o ensino público. Antonio estudou no Colégio Elementar José Bonifácio, correspondente as quatro primeiras séries do ensino fundamental. Em 1937, trabalhando na Metalúrgica Abramo Eberle, recebeu o convite do tio Estevão Beux para ser seu ajudante. Estevão era fotógrafo e residia em um pequeno povoado de nome Tapera.

"Eu não sabia nada do ofício, eu só tinha a lembrança do tio Estevão fazendo fotografia. Todos os anos ele ia pra Forqueta e ficava na nossa casa. A primeira vez ele chegou a cavalo. Eu lembro dele fazendo fotografia com uma lampadazinha vermelha, vidro rubi. Tinha uma vela dentro, vela de cera. Ele revelava as fotografias com aquilo. Depois botava no rio pra lavar, tinha que lavar muito bem pra tirar toda a química e a fotografia durar. A água era limpa, se fazia um cercado de pedra para represá-la, ele deixava a noite inteira dentro da água e de manhã botava pra secar. Eu sabia isso de fotografia." (Antonio Bartholomeu Beux, 1983)



Antonio Bartholomeu Beux

Mas não foi a fotografia que motivou Antonio a aceitar o convite. O maior atrativo estava em pegar



Studio Beux, 1968. Rua Marechal Floriano. Acervo Evelado Beux



Vitrine do Foto Studio Beux, c. 1965. Rua Os 18 do Forte

o guidão da "camionete Chevrolet Modelo A" do tio e andar por este mundo afora. Ouvidas as repetidas recomendações dos pais, lá se foi o afoito rapaz para seu aprendizado. Ao lado de Estevão Beux, percorreu longas distâncias, andou por confins onde os fotógrafos estabelecidos não chegavam. O seu aprendizado foi metódico. Inicialmente aprendeu a conhecer e a transportar os equipamentos. Em sequência veio o manuseio da máquina, a composição da cena, a manipulação dos líquidos químicos, a revelação, a fixação, a lavagem e secagem das fotografias.

"Antes eu aprendi a transportar o equipamento, depois eu fui para o quarto escuro, eu só ficava olhando. Tudo era feito à mão e à luz do dia. Quando nós fotografávamos, por exemplo casamentos, amarrávamos os noivos contra a parede pra ficarem imóveis. Às vezes um grupo ficava na frente atirando bombinhas e, claro, os noivos se mexiam e a gente perdia a foto. As primeiras fotografias que eu bati, em 1938, foram assim, a gente amarrava as pessoas. Depois veio as instantâneas, as maquininhas com os filmes fora, daí ficou mais fácil." (Antonio Bartholomeu Beux, 1983)

Ao lado do tio, Antonio percorreu vilarejos e pequenas cidades, registrando festas de padroeiros, casamentos, batizados, enterros, fotos para documentos, sem contar o costume de fazer retratos individuais e de família.

"Nós íamos pelas colônias, em festas de igreja, quem queria fotografia, vinha. Nós tirávamos contra o mato, contra o campo, principalmente na sombra. Nós tínhamos chassis de madeira pra tirar 24 fotografias. Pra trocar, precisávamos de escuro, e onde trocar no escuro? Então trocávamos os negativos à noite, guardávamos em caixas bem fechadas, no papel preto que já vinha nas chapas, quando chegávamos em casa, revelávamos os negativos e fazíamos os retratos. Um mês depois, voltávamos ao local pra fazer a entrega das dúzias de fotografias, porque era em dúzias naquele tempo." (Antonio Bartholomeu Beux, 1983).

"Em Tapera, quando alguém morria, éramos chamados pra tirar fotografia. Na época da Guerra era difícil encontrar magnésio, então, tínhamos que usar luz natural ou, às vezes, botar uma vela perto para enxergar o rosto do defunto. Se fazia uma cobertura para aparecer o rosto e o povo ao redor. Enchia a sala. Se tirava a fotografia do defunto com

a família e com as pessoas ao redor." (Antonio Bartholomeu Beux, 1983)

Antonio retornou a Caxias em 1940 para prestar o serviço militar; nos intervalos das instruções trabalhava no Studio Geremia. No novo trabalho, conheceu equipamentos mais modernos e aprendeu a retocar negativos com o colega Ary Cavalcanti. A sua principal função era a de laboratorista: revelar, ampliar e imprimir as fotografias. Em 1945 casou com Magdalena Bertha Friederich; logo vieram os filhos, o salário mal dava para manter a família. Fora do estúdio, nos fins de semana, Antonio saía pelo interior para fotografar casamentos, primeira comunhão, eventos sociais. Utilizava uma máquina 13x18, "um caixão de madeira", que o tio lhe vendeu ao sair de Tapera.

Em 1948, Antonio aceitou o convite de Ary Cavalcanti para abrir um ateliê fotográfico. Antes de deixar o Studio Geremia, comprou a sua segunda máquina fotográfica, parte que lhe coube na sociedade. Doente, desfez a parceria para cuidar da saúde. Após a longa convalescença, retornou para o Studio Geremia em fevereiro de 1950. Retomou o trabalho no laboratório, sendo mais frequente a sua participação como fotógrafo nos registros de eventos sociais e públicos. Paralelamente, montou um pequeno estúdio em sua residência; aos sábados, dedicava-se às fotos de estúdio e aos casamentos; aos domingos e durante a semana, à noite, trabalhava no laboratório.

Já com uma clientela considerável, Antonio se demitiu do Studio Geremia para, oficialmente, abrir seu próprio ateliê. Reformou o velho casarão que fora "Pensão Beux" e no dia Sete de Setembro de 1964 inaugurava o "Foto Studio Beux", expondo fotografias do desfile da Semana da Pátria.

"Eu lembro o dia que o pai abriu o estúdio. Não foi uma inauguração. De manhã, ele saiu com a câmera e fotografou o desfile da Semana da Pátria; antes do meio-dia as fotos já estavam expostas na vitrine. Era um expositor de plástico costurado à máquina com as fotografias encaixadas dentro. Ele pendurou esse expositor improvisado na parede da casa e abriu as portas. Ao terminar o desfile, as pessoas passavam na frente, se viam nas fotos e já encomendavam a sua." (Evaldo Beux, 22 de outubro de 2009)

Localizado à Rua Dezoito do Forte, nº. 1562, o "Foto Studio Beux" se dedicou aos tradicionais retratos de família, de noivos, de primeira comunhão, de formaturas, registrou eventos sociais, artísticos, além de cobrir várias Festas da Uva e de não dispensar as fotos para documentos. Em 1968, Antonio Beux mudou-se para Rua Marechal Floriano, nº. 834. O primeiro estúdio foi repassado ao filho Edson, que adotou a denominação "Foto Edson". Antonio trabalhou até 1978, quando se aposentou. A filial "Foto Studio Beux" ficou a cargo dos filhos Evaldo e Elenir, iniciados na fotografia pelo pai. Eliane, filha menor de Antonio e Magdalena, seguiu a profissão de comerciária.

Antonio Bartholomeu Beux faleceu em 1994; reunidas em álbuns ou dispersas nas gavetas dos guardados, suas fotografias permanecem como signos a estimular novas lembranças, a fortalecer os laços de pertencimento. Em 1995, o "Studio Beux" foi desativado, quando Evaldo doou o acervo reunido ao longo dos anos ao Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Preservadas e disponíveis à pesquisa, isoladas ou em conjunto, essas imagens suscitam novos olhares e reflexões.



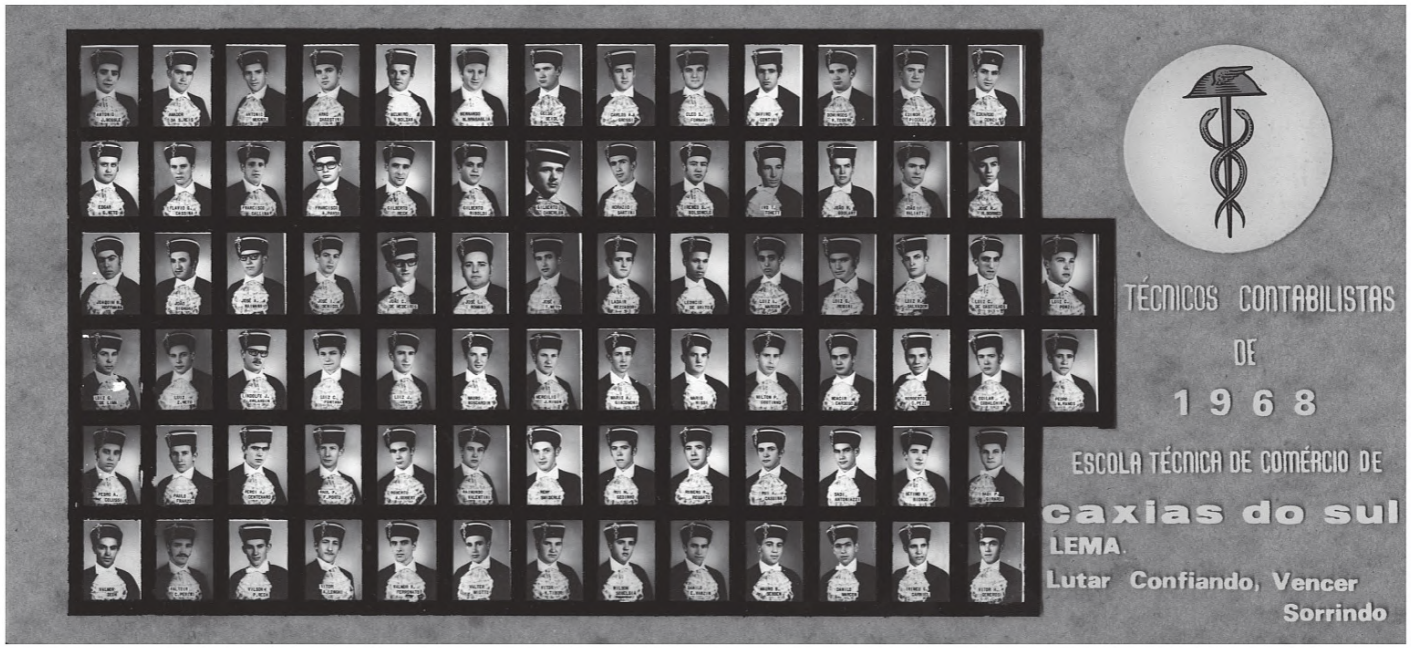
Antonio Beux retocando fotografias.
Studio Geremia, c. 1952



Parque Presidente Getúlio Vargas, nevasca de 1966



Passeio no Parque Presidente Getúlio Vargas, 1965



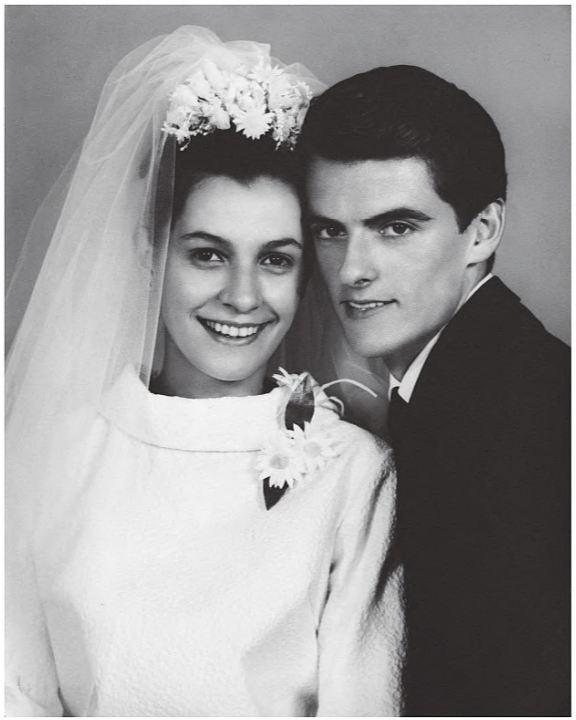
Quadro de formandos da Escola Técnica de Comércio, 1968



Baile de debutantes da Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho, c. 1975



Noivos não identificados, c. 1970



Paulo Candiago e noiva, c. 1968



Irene Mugnol Boscaini, 1970



Coro Orfeônico do Grupo Estadual Henrique Emílio Meyer, 1965. Ao fundo, a diretora Naura Zanotto Rigon



Carnaval da Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho, 1962



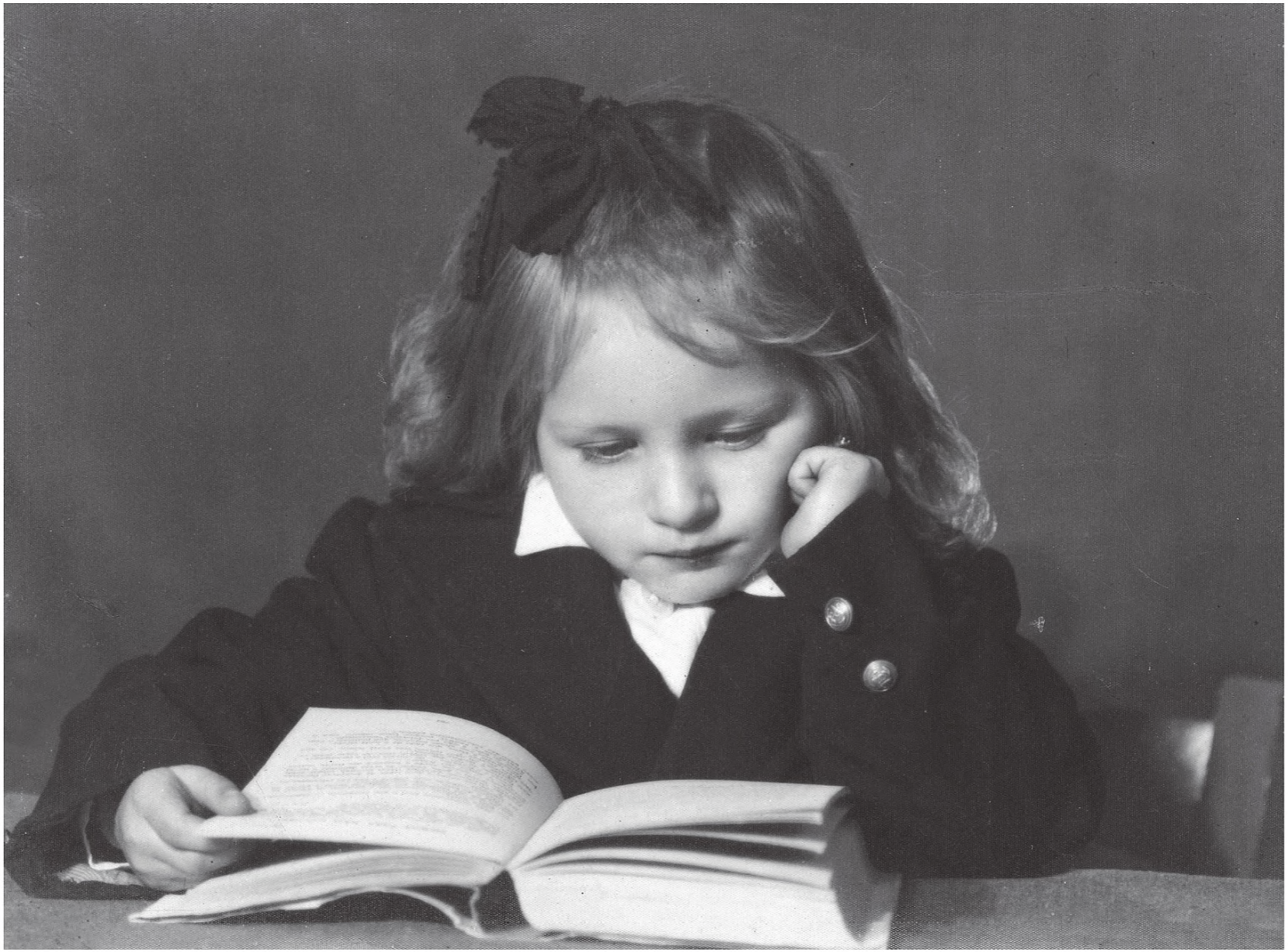
Da esquerda para direita: Estevão Beux (segundo), e Antônio Beux, (sexto). Sentado no capô do carro, Etelvino Armando Beux, c. 1935. Acervo Evaldo Beux



Menina não identificada



Menina não identificada na primeira comunhão, c. 1965



Elenir Beux, filha de Antonio e Magdalena Bertha Friederich Beux, 1955. Acervo Elenir Beux

Hildo Antônio Boff

Nascido em Caxias aos 2 de janeiro de 1931, Hildo Antônio Boff é filho de Zulmiro e Eugênia Boff. Iniciou sua carreira profissional em 1948, quando ingressou no Studio Geremia como laboratorista e auxiliar de fotógrafo. Teve como mestres Giacomo e Ulysses Geremia, além de receber lições de Mauro De Blanco, Ary Cavalcanti e Antônio Beux. O primeiro emprego se prolongou até 1952, dando-lhe experiência de laboratório, retocador e fotógrafo de eventos. Após breve passagem pela Metalúrgica Abramo Eberle, Hildo foi convidado para trabalhar como fotógrafo da Ótica Caxiense.

Criada em 1953, a divisão de fotografia da Ótica Caxiense se estendeu até 1967. Hildo Boff acompanhou essa trajetória, atuando em todos os processos que envolve o fazer fotográfico. Ainda que tenha se distinguido como retratista e retocador, sua carreira é marcada pela cobertura de eventos: Festas da Uva, jogos de futebol, visitas ilustres (Presidentes Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra, Jânio Quadros), inaugurações de obras públicas. Transformadas em cenário de cartão-postal, suas fotografias mais conhecidas retratam a Festa da Uva e a paisagem urbana. A neve é tema recorrente nos cartões postais com vistas da cidade: bonecos esculpidos na Praça Dante Alighieri, as alamedas do Parque Getúlio Vargas cobertas de cristais de gelo, as brincadeiras em meio aos flocos ao longo das calçadas. Da cobertura de Festas da Uva nasceu a edição de cartões postais com imagens tradicionais: a coroação da rainha, as soberanas colhendo uvas, o desfile de carros alegóricos.

Além de capturar o cotidiano e os festejos da comunidade, Hildo fotografou vistas áereas e cenas dos arrabaldes de Caxias do Sul. Atuou como fotógrafo da Ótica Caxiense até julho de 1967, quando a seção de fotografia foi desativada. A partir de então foi contratado como balconista e auxiliar de crediário; em 1978 assumiu o cargo de chefia do departamento de vendas. Incluiu em sua trajetória profissional a atuação como "diretor requisitado" do Sindicato de Empregados do Comércio de Caxias do Sul, cargo que exerceu de 1976 a 1982. Em 1983 foi investido no cargo de juiz classista da Justiça do Trabalho de Caxias do Sul e, posteriormente, indicado para o cargo de juiz classista do Tribunal Regional do Trabalho - 4ª região, função em que se aposentou em 1984.

Simultaneamente à Ótica Caxiense, Hildo trabalhou como repórter fotográfico para os jornais Folha da Tarde e Diário de Notíciais. Casou com Heduviges Panarotto Dias Boff, união da qual nasceu Ricardo, único filho do casal. Na intimidade, costumava registrar a família no dia a dia, em férias e nas ocasiões solenes.



Hildo Boff

Hildo Antônio Boff faleceu em 5 de fevereiro de 2014 aos 83 anos. O acervo acumulado ao longo da sua vida profissional foi doado ao Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami pelo filho Ricardo Boff. O material abrange parte da produção de Hildo enquanto fotógrafo do Studio Geremia e da Óptica Caxiense.



Hildo Boff cobrindo uma partida de futebol no Estádio Alfredo Jaconi, c. 1957



Família Comandulli, nevasca de 1965



Ângela Maria em apresentação no Clube Juvenil, 1960



Mulher não identificada, c. 1962



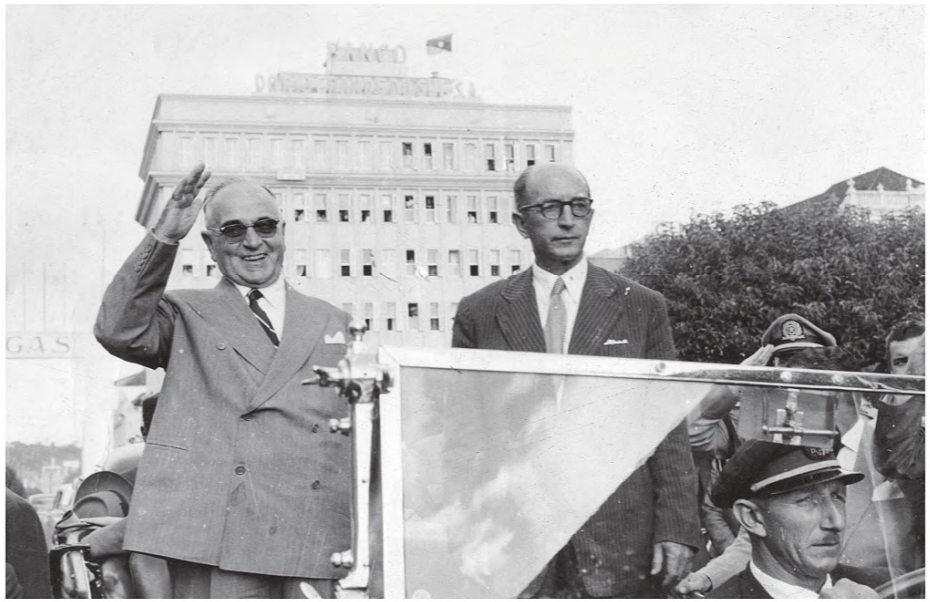
Estádio Alfredo Jaconi, c. 1958



Rua Marquês do Herval, esquina com a Av. Júlio de Castilhos, c. 1965



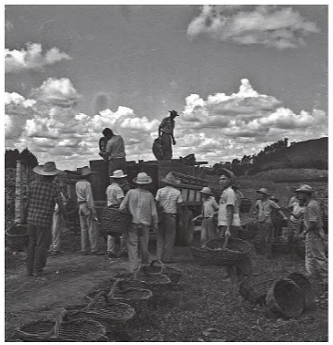
Banda Marcial do Colégio Nossa Senhora do Carmo, c. 1964. Estádio Alfredo Jaconi



Presidente Getúlio Vargas e Otoni Zatti Minghelli, Festa da Uva de 1954



Desfile Cívico. Ao centro, Prefeito Armando Biazus, 1964



Vindima nos parreirais da Estação Experimental de Vitivinicultura e Enologia, c. 1965



Rainha Helena Luiza Robinson, ao centro, e as princesas: Enrica Paschero, Jussara Queiroz, Tânia Geremia, da esquerda para direita. Sentada, Maria Helena Minghelli. Festa da Uva de 1961



Vindima nos parreirais da Estação Experimental de Vitivinicultura e Enologia, c. 1965



Presidente Jânio Quadros e esposa Eloá Quadros. Ao fundo, Governador Leonel de Moura Brizola. Festa da Uva de 1961



Heduviges Panarotto Dias Boff, c. 1962. Torres, RS



Desfile cívico de 7 de Setembro, c. 1972



Transporte da figura masculina que compõe o casal do Monumento Nacional ao Imigrante, 1954

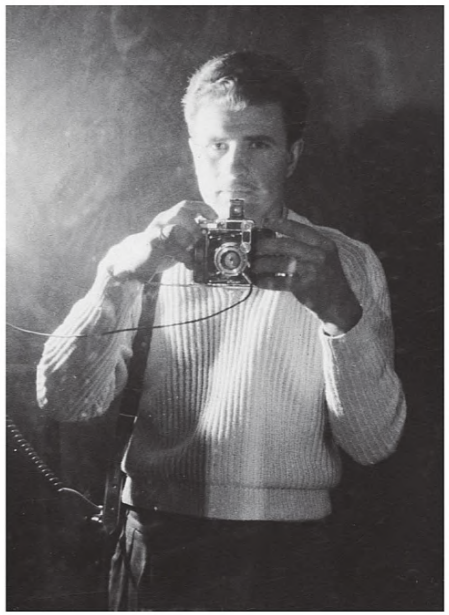
Remy Francisco Bisol

Remy Francisco Bisol nasceu em 02 de junho de 1938 em São Luís da Sexta Légua, zona rural de Caxias. Filho de Antônio Estevan e Maria Susin Bisol, passou a infância e a juventude na colônia: caçava, pescava, trabalhava na roça, vendia verduras na cidade e, à noite, ajoelhava-se para rezar com a família. Iniciou os estudos na Escola Municipal Sete de Setembro, preferindo brincar com a bola ao invés de estudar. Aos quinze anos começou a jogar futebol no Esporte Clube São Luís da Sexta Légua, time da comunidade. Destacando-se como meia-esquerda nos campeonatos de amadores, Remy foi convidado para jogar na categoria júnior do Esporte Clube Juventude, agremiação de futebol profissional mais antiga da cidade. Aos dezoito anos, contrariado, deixou a carreira esportiva para prestar o serviço militar.

Remy Bisol despertou para a fotografia observando o pai confeccionando equipamentos fotográficos e "fazendo retratos" com as máquinas inventadas por ele.

"O meu pai era tão apaixonado pela fotografia, que ele próprio fabricou a sua primeira máquina; era foto contato, do tamanho do negativo. Eu tenho ainda fotos antigas feitas por ele, eu lembro dos tripés que ele fez para apoiar a máquina. Depois, ele conseguiu algumas lentes, fez uma caixinha, era um fole, encaixou a lente e estava feita a sua segunda máquina. Nos fins de semana, ele saía pelas colônias, onde houvesse pessoas reunidas - casamentos, festas, jogos de bocha - ele convidava, botava na frente da igreja ou nos degraus de uma escadaria, tirava a tampa da lente e contava: um, dois, três, estava feita a fotografia. Voltava pra casa, revelava, passava pro papel e depois distribuía para quem aparecia na fotografia. O meu pai fazia isso"
(Remy Francisco Bisol, 19 de março de 2008)

Acompanhando o pai em suas incursões fotográficas, Remy manifestou o desejo de ser fotógrafo. Antônio apoiou a decisão: comprou uma máquina "Ayres" de 35mm e conseguiu um fotógrafo para dar "aulas práticas" ao filho. Concluídos os ensinamentos introdutórios, o jovem aprendiz procurou o fotógrafo Clemente Tomazoni para que lhe iniciasse na profissão de fotógrafo. Remy tinha 21 anos quando ingressou no estúdio "Clemente Tomazoni Fotógrafo". O seu novo aprendizado se alongou por quase três anos, limitando-se ao laboratório e às noções



Remy Francisco Bisol, com sua primeira câmera fotográfica, 1965. Acervo Remy Bisol

do retrato artístico; a experiência mais significativa foi o retoque, habilidade que aprendeu ao lado de Clemente.

Em 1962, Remy Bisol começou a trabalhar na Ótica Caxiense, mais especificamente no estúdio fotográfico que funcionava anexo à loja. Contratado como aprendiz, trabalhou dois anos sem qualquer remuneração. Residindo em São Luís, para chegar



Parreirais da família de Antônio Estevan Bisol, c.1950.
São Luís da Sexta Légua, Caxias do Sul, RS. Acervo Remy Bisol

ao trabalho no horário, Remy acordava de madrugada; na época o acesso à cidade era dificultado pela falta de transporte e estradas precárias. Presenteado pelo pai com uma motocicleta Vespa, a rotina de seu aprendizado ganhou um ritmo de aventura.

Trabalhando como auxiliar do fotógrafo Hildo Boff, o aprendizado de Remy foi mais abrangente, passando por todas as etapas que envolve a produção fotográfica.

O sonhado primeiro salário só veio em 1964, quando foi assinada a carteira de trabalho. Com a experiência adquirida, Remy passou para o setor de reportagens, que abrangia coberturas esportivas, eventos sociais, visitas ilustres, destacando-se os registros de Festas da Uva e vistas da cidade no formato de cartões postais a serem vendidos na própria loja da Ótica Caxiense, aliás, o setor de fotografia foi idealizado como um elemento convidativo para atrair clientes.

"Nos bailes de carnaval do Recreio Guarany, do Clube Juventude, nós ficávamos em cima de uma mesa fotografando todo o mundo que passava. Era clic e clic; era filme e filme. Fotografava Deus e todo o mundo. Saíamos dali, íamos para a Ótica, revelávamos, faziamos os copiões e botávamos na vitrine; os óculos ficavam embaixo. No dia seguinte enchia de gente pra se ver. Encomendavam as fotografias e, às vezes, compravam óculos." (Remy Francisco Bisol, 19 de março de 2008)

"Eu passei uma temporada como repórter de futebol de campo. Atrás do gol, eu fotografava os lances. No fim do jogo, enrolava o filme, levava pro Carioca do Jornal Pioneiro, eles tinham o laboratório, revelavam durante a noite e na segunda-feira já saía a fotografia no jornal. Eu também trabalhava pra Folha da Tarde, aquele jornal de Porto Alegre, mas era serviço que a Ótica prestava e mandava os empregados fazer." (Remy Francisco Bisol, 19 de março de 2008)

Enquanto trabalhava na Ótica Caxiense, Remy montou o seu primeiro ateliê no porão de sua residência em São Luís. O espaço ganhou o nome de "Foto Bisol", restringindo-se ao laboratório e a uma pequena sala para fotos 3x4. Tendo por clientes moradores da comunidade, parentes e amigos, fotografava casamentos, batizados, aniversários, primeiras comunhões. Já casado com Zilda Concer, dividia com a esposa o trabalho no laboratório.

Remy Francisco Bisol trabalhou na Ótica Caxiense até 1967, quando foi desativado o setor de

fotografia. Almejando sua independência profissional, adquiriu o equipamento fotográfico para ampliar o seu pequeno estúdio. Em 1967, adotando o nome de "Foto Studio Bisol", se transferiu para a Rua Luiz Michielon, 379 - Bairro Cruzeiro. O novo espaço agregava um bem aparelhado laboratório, a sala de espera, sala de pose com iluminação natural e acessórios cênicos modernos. Conservou seus primeiros clientes e conquistou os moradores da comunidade e das localidades vizinhas - Santa Lúcia, Vila Oliva, Fazenda Souza - que o procuravam para fotografar casamentos, crismas, aniversários, além de fotos para documentos. Sempre no mesmo endereço, a trajetória do "Foto Studio Bisol" se confunde com a história do Bairro Cruzeiro e, sobretudo, se mistura à vida de seus moradores. Fotografando sucessivas gerações, Remy Bisol registrou a transitoriedade dos costumes e a inexorabilidade do tempo, que se revela em diferentes momentos da vida de um mesmo personagem: criança, jovem, pai, avô.



Kátia e Gerson Bisol, filhos de Zilda e Remy Bisol, 1973. Curumim, RS. Acervo Remy Bisol

Na década 1970, mantendo o mesmo gênero de fotografia, Remy adquire equipamentos para atender o ramo publicitário. O investimento permitiu, também, a prestação de serviços para fotógrafos profissionais e amadores na revelação e montagem de slides e cromos, trabalho que se alongou até o advento da fotografia digital. Sem contratar funcionários, Zilda encarregava-se da administração do estúdio, do atendimento aos clientes, das fotos 3x4 e auxiliava no corte e montagem dos cromos e slides. Iniciado pelo pai, Gerson herdou a paixão pela fotografia. Com doze anos começou a trabalhar no estúdio, passando por todas as etapas que envolve o processo fotográfico. Transitou pela fotografia analógica, testemunhando o seu declínio.

A passagem do "Foto Studio Bisol" para a fotografia digital foi gradativa, mantendo até 2006 o processo preto e branco. Adotando os novos paradigmas de captação de imagens advindas dos equipamentos digitais, o trabalho do estúdio abrange fotografias publicitárias, industriais, eventos, além de books. De pai para filho, hoje o "Foto Studio Bisol" tem a direção de Gerson e sua esposa Adriane. Remy Francisco, sem o encargo da administração, se deleita com o retoque digital de velhas e novas fotografias. Zilda continua a receber os clientes com seu jeito retraído de menina do interior.



Claudino Canali e Ema Bisol Canali, c. 1970. Acervo Marili Demori



Sirlei, à esquerda, e Isabel Demori na primeira comunhão, 1971. Acervo Marili Demori



Marili Luisa Demori, 1974. Acervo Marili Demori



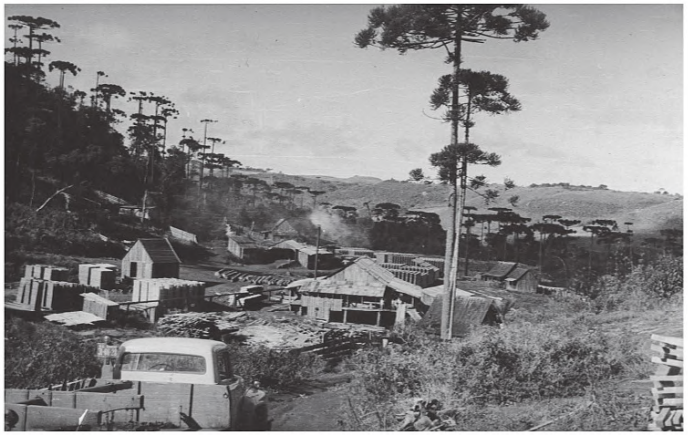
Roberto Bisol na primeira comunhão, c. 1968. Acervo Marili Demori



Família Ruzarin, c. 1965. Acervo Remy Bisol



Serraria de Antônio Estevan Bisol e dos irmãos Adolfo e Darci Travi, c. 1964. Cambará do Sul, RS. Acervo Remy Bisol



Serraria de Antônio Estevan Bisol, 1965. Cambará do Sul, RS. Acervo Remy Bisol



Zilda Concer Bisol. Montagem de cromos e slides, c. 1974. Acervo Remy Bisol



Esporte Clube São Luiz, 1967. Acervo Marili Demori



Panorâmica tomada a partir da Rua Marquês do Herval, c. 1962. Acervo Remy Bisol



Av. Júlio de Castilhos, c. 1962. Acervo Remy Bisol



Antônio Estevan Bisol



Inauguração do salão comunitário da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, c. 1960. Bairro Cruzeiro. Acervo Remy Bisol



Piquenique com as famílias Concer e Bisol. Da esquerda para direita: Zilda Concer Bisol, sentada (quinta). De pé: Manoel Concer (segundo), Pedro Concer, Antônio Bisol e Teresina Tregansin Concer, c. 1965. São Marcos, RS. Acervo Adriana Sirena



Carro alegórico da comunidade São Luís da Sexta Légua. Festa da Uva de 1937. Foto: Antônio Estevan Bisol. Acervo Remy Bisol

Ary Antônio Pastori

Ary Antônio Pastori nasceu em Caxias em 12 de abril de 1933. São seus pais Adélia e Germano Giacomo Pastori, capataz, açougueiro e proprietário do Veraneio Pastori. Ary passou a infância na Várzea Michielon, hoje Bairro Nossa Senhora de Lourdes. Como arrabalde da cidade, a paisagem do local era marcada pela transição rural-urbano. Os parreirais da Vinícola Luiz Michielon & Cia. abeiravam-se às poucas casas com jardins, quintais e galinheiros. Integrado ao cenário, o Veraneio Pastori mesclava a função de moradia, restaurante e lazer. Congregava o ambiente, o casarão de madeira com traços da arquitetura colonial italiana, o quiosque, a horta e muitas árvores. Ali era servido o cardápio trazido pelos imigrantes, passarinhadas e perdizadas, não raramente também aconteciam bailes, festas de casamento e de 1º de Maio. Este foi o ambiente de infância e juventude de Ary Pastori. Começou a trabalhar cedo, auxiliando o pai no açougue e mais tarde trabalhou como garçom no restaurante da família. Concluiu o primário no Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer; no Colégio Nossa Senhora do Carmo cursou o ginásio e o ensino comercial.

O gosto pela fotografia se manifestou nas arquibancadas dos estádios de futebol, quando observava o trabalho dos fotógrafos atrás das goleiras. Autodidata, começou a carreira com uma câmera "Brownie" produzida pela Kodak e registrando momentos familiares. Seu autoaprendizado continuou no quartel enquanto prestava o serviço militar. O exercício continuado deu-lhe a certeza da escolha:

"Eu não queria ser fotógrafo de estúdio, o meu desejo era fazer reportagens; hoje eu seria um fotógrafo repórter". (Ary Antônio Pastori, 18 de julho de 2001)

Já com câmeras melhores, Ary começou a realizar a sua vontade registrando bailes, festas de casamentos, celebrações comunitárias. Ainda sem laboratório, a revelação dos negativos e a impressão das imagens era executada pelo Studio Geremia. Por volta de 1950, Ary Pastori trabalhou no então estúdio "Clemente Tomazoni Fotógrafo". O novo emprego deu-lhe a experiência de laboratório.

"No laboratório Tomazoni se trabalhava em equipe. Tinha o grupo que revelava, fixava, etc. Eu era o da última etapa: fixar, lavar, lavar e secar. No estúdio Tomazoni eu aprendi os macetezinhos do laboratório." (Ary Antônio Pastori, 18 de julho de 2001)



Ary Pastori, foto de Roseli Pastori, sua filha

Em sequência, Ary trabalhou no setor de fotografia da Metalúrgica Abramo Eberle S.A. (1952-1956).

À época a empresa já produzia mais de 20.000 itens e empregava cerca de 1.600 trabalhadores. Além de documentar as várias seções e eventos, o setor tinha a função de fotografar produtos para catálogos e prestava serviços para as seções de desenho artístico, adamascado, tipografia. Nos quatro anos que permaneceu na empresa, documentou desde eventos até artigos para catálogos e impressos. Morando com os pais, montou seu laboratório e realizava coberturas sociais nos finais de semana. Casou em 1956 com Lourdes Perazzolo. O jovem casal foi residir à Rua Rodrigues Alves, nº 1.900, nas imediações do Veraneio Pastori. A partir de 1956, permanecendo sempre no mesmo endereço, Ary se dedicou ao registro de reportagens. Atrás da goleira, atento ao passe de bola para não perder o click, de olho nos acontecimentos, fotografou com exclusividade fatos do cotidiano e os bastidores de eventos para o jornal local, Pioneiro, para o Correio do Povo, Folha Esportiva e Folha da Tarde, de Porto Alegre. Conforme os Livros Caixa de 1959 e 1968 da Prefeitura de Caxias do Sul, prestou serviços para as administrações dos Prefeitos Bernardino Conte e Hermes João Webber.

"Eu fotografei o acidente do teco-teco que matou aquele jovem da família Nora. Um rapaz jovem, recém-formado, foi uma tragédia. Procurei o Adelar Cösner, que era o correspondente da Companhia Jornalística Caldas Júnior em Caxias para fazermos a reportagem do acidente. Por telefone, nos comunicamos com a Folha da Tarde e o Correio do Povo para reservarem espaço para a matéria. Fomos para Porto Alegre de carro, com o Packard do Adelar. Eu fui direto com o filme. No outro dia, estava na primeira página dos jornais. Era um "furo de reportagem", como a gente dizia na época. Sair daqui, pegar o carro, ir a Porto Alegre e no outro dia sair na primeira página! Esse tipo de trabalho era uma das coisas que deixava a gente eufórico." (Ary Antônio Pastori, 18 de julho de 2001)

"No ano de 1975 se comemorava o Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Fazia parte da programação a "Volta ao Vêneto", uma viagem para visitar a região de onde veio a maioria dos imigrantes que colonizaram Caxias. Foi um grupo de 110 pessoas; eu fui como fotógrafo independente. Armei-me até os dentes com máquinas, filmes, flash, tudo. Registrei desde a saída em Porto Alegre e toda a programação realizada na Europa, tudo, até os pormenores. A minha ideia era oferecer as fotografias às pessoas que fizeram parte do grupo. Na volta, parei em São Paulo, procurei o Laboratório Curt para revelar as fotos a cores. Resultado:



Banda Escocesa do Colégio São Carlos. Desfile Cívico de 7 de Setembro, c.1970

sem patrocínio, fiz a cobertura mais completa deste evento e, se muitos dos que foram ainda guardam as fotografias da viagem, foram as que eu bati." (Ary Antônio Pastori, 18 de julho de 2001)

Fazia parte da rotina de Ary ouvir os rádios jornais da manhã para, então, registrar o desdobrar dos fatos. Foi assim que flagrou "furos de reportagens", documentou inaugurações, solenidades oficiais e visitas ilustres. Feitas as fotografias, procurava os protagonistas para oferecer o seu trabalho. A reiterada presença nos eventos deu-lhe o apelido de "Selo de Saúde".

"Eu fotografava tudo o que era inaugurações ou coisa parecida. Depois eu oferecia as fotos e aí estava o meu ganha pão." (Ary Antônio Pastori, 18 de julho de 2001)

Ary inclui em seu currículo o trabalho de fotógrafo oficial da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul, de 1980 a 1993, cobriu a maioria das edições de Festas da Uva no período 1958-1992. Com o olhar voltado ao pulsar dos fatos, valorizava o flagrante e a impressão de realidade advinda de tomadas espontâneas, às vezes críticas e irônicas, do instante capturado. Rondando locais raramente frequentados pelos fotógrafos tradicionais, sua câmera Hasselblad capturou pessoas abandonadas e mal vistas pela sociedade. Essas imagens compõem uma crônica contundente do dia a dia underground da cidade nos anos 1970.

Atento às mudanças, acompanhou a evolução dos equipamentos fotográficos e incorporou as tendências de seu tempo. Mantinha-se informado através da leitura de revistas especializadas e pela participação em feiras nacionais e internacionais, como a Photokina na cidade de Colônia, Alemanha.

Profissionalmente, Ary Pastori deixou de fotografar em 1993. Porém, não abdicou da fotografia, por hobby e por amor continua a fazer do ato de fotografar a expressão da sua visão da realidade. Momentos e imagens compartilhados com os filhos Roselane, Roseli, Ricardo e, porventura, a esposa na dimensão onde ela se encontra. Caminhando no compasso de seu tempo, o conjunto da sua obra vai ao encontro da memória construída sobre os acontecimentos que marcaram a história de Caxias do Sul na segunda metade do século XX.



Comissão Municipal de Amparo à Infância (COMAI), 1967. Meninos do projeto Menor Ativo, Madeireira Pisani.



Festa de casamento de noivos não identificados com a presença do Conjunto Tupy, c.1958. Sebastopol, Nova Petrópolis, RS



Festa de casamento de noivos não identificados com a presença do Conjunto Tupy, c.1958. Sebastopol, Nova Petrópolis, RS



Comemoração pelo dia dos Viajantes Comerciais, 1961. Av. Júlio de Castilhos



Arredores de Caxias do Sul, 1960



Transporte de canos para a construção da Barragem Maestra, c. 1967



Arredores de Caxias do Sul, 1960



Presidente Jânio Quadros e Governador Leonel de Moura Brizola. Festa da Uva de 1961



Ao centro, Governador Leonel de Moura Brizola, à sua direita, Prefeito Armando Biazus, e à esquerda, Presidente Jânio Quadros. Presença da Banda dos Fuzileiros Navais do RJ e da Banda Marcial do Colégio Nossa Senhora do Carmo.
Festa da Uva de 1961. Acervo Ary Pastori



Audiência com o Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco no Clube Juvenil, em 1965. Da esquerda para a direita, os vereadores Mario Rosa (terceiro), Frederico Segalla, (quarto), Victor José Faccioni (atrás do Presidente), Nadyr Rossetti (oitavo) e Jacinto Maria de Godoy (nono), Hermes João Webber, Prefeito de Caxias do Sul (sétimo). Acervo Ary Pastori



Visita do Presidente da Itália Giovanni Gronchi por ocasião da inauguração do Monumento à Itália. Da esquerda para a direita: General Nelson de Mello, Prefeito Ruben Bento Alves, Giovanni Gronchi e Presidente Juscelino Kubitschek, 1958.
Acervo Ary Pastori



Calouros do curso de Direito da Universidade de Caxias do Sul, 1961



Jogadores do Santos Futebol Clube com dirigentes do Esporte Clube Juventude e do Grêmio Esportivo Flamengo. Jogo amistoso que reuniu atletas do Juventude e do Flamengo contra o Santos. Da esquerda para a direita, o quinto agachado, Edson Arantes do Nascimento, Pelé, com 16 anos, 1957. Acervo Ary Pastori



Calouros do curso de Direito da Universidade de Caxias do Sul, 1961



Cantor Wilson Simonal, presenteado com a camisa do Esporte Clube Juventude, em 1968. Ao centro, Ieda Maria Vargas, miss Brasil 1963, com as candidatas à rainha da Festa da Uva de 1969



Corso alegórico da Festa da Uva de 1961



Silvia Celli passando a coroa para Elizabeth Menetrier,
Rainha da Festa da Uva de 1969



Zila Turra, rainha da Festa da Uva de 1958. Estúdio da Rádio Caxias



Vista aérea da cidade. Ao centro, Parque Getúlio Vargas, c. 1965

Waldemar Lazzarotto

Criada em 1875, Caxias foi a terceira colônia de imigrantes italianos destinados a colonizar as terras devolutas da Encosta Superior do Nordeste do RS. A nova colônia abrangia 17 léguas quadradas, cada qual com suas linhas, travessões e lotes rurais. Com a mesma nacionalidade, mas oriundos de várias províncias, os italianos traziam dialetos e práticas culturais diversas. Com liberdade para escolher o lote de sua preferência, geralmente os imigrantes da mesma comunidade de origem procuravam permanecer próximos uns dos outros. Em vista disso, cada légua traz suas peculiaridades culturais e históricas. Dada a passagem da Estrada Rio Branco, a Terceira Légua foi a porta de entrada dos imigrantes à sede da Colônia Caxias, além da sua ligação com vias fluviais que permitiam o acesso a São Sebastião do Caí e à capital. Essas condições favoreceram a instalação de casas comerciais e a passagem continuada de viajantes, comerciantes, imigrantes, artesãos pela localidade. Tais particularidades justificam, em parte, o fato da Terceira Légua ter sido o berço de muitos fotógrafos que atuaram nos primórdios da colonização e que se tornaram mestres de outros profissionais do ofício.

Waldemar Lazzarotto também é um fotógrafo natural da Terceira Légua. Filho de Antônio e Joana Boff Lazzarotto, nasceu em 6 de abril de 1921. Viveu a infância e parte da juventude na pequena colônia da família, que também arrendava terras para garantir a sobrevivência. Para estudar, caminhava por um relevo descontínuo até chegar à Vila Galópolis, onde concluiu o primário no Colégio Chaves & Irmãos. O interesse pela fotografia nasceu junto ao desejo de abandonar a agricultura e seguir outra profissão. Seu aprendizado começou por volta de 1938, tendo como mestre o fotógrafo Sisto Muner.

Waldemar Lazzarotto inciou na fotografia com uma máquina tipo caixão e com negativos de vidro. Não abandonou a agricultura, conjugava o trabalho de fotógrafo quando a comunidade solicitava seus serviços para registrar casamentos, sagas do padroeiro, festas familiares, como bodas e aniversários. Por volta de 1943, seu pai trocou a agricultura pelo trabalho de ecônomo do restaurante da Sociedade Caxiense de Mútuo Socorro. A família o acompanhou para administrar o novo negócio, cabendo a Waldemar a função de garçom. Simultaneamente, o jovem fotógrafo começou a trabalhar como retocador no Studio Geremia, atividade que manteve até 1953, quando foi admitido pelo estúdio Tomazoni. Conjugou o trabalho de garçom até meados da década de 1950, quando o restaurante da Sociedade Caxiense de Mútuo Socorro foi desativado para a construção da nova sede.



Waldemar Lazzarotto

Waldemar trabalhou no estúdio Tomazoni retocando negativos e, como fotógrafo, documentava acidentes de trânsito, suicídios, homicídios para fins

de perícia policial. Em 1969 Clemente Tomazoni, visando a instalação do laboratório a cores, convidou Waldemar para ser sócio do seu estúdio. A parceria foi temporária, meses depois Clemente adquiriu a parte dos sócios, dando continuidade à empresa com nome "Laboratório Foto-técnico Tomazoni Ltda.". Waldemar demitiu-se para abrir o próprio ateliê, juntamente com o colega Vasco Rech.



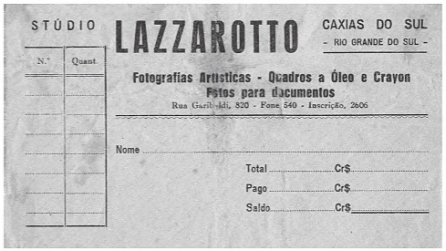
Vasco Rech e Waldemar Lazzarotto em frente ao antigo estúdio Tomazoni, 1950.
Acervo Eulália Marenzi Lazzarotto

Localizado na Rua Garibaldi, nº 786, o "Studio Fotográfico Lazzarotto & Rech" começou a funcionar em 1970. Dedicou-se aos retratos de noivos, famílias, primeiras comunhões, formaturas, quinze anos, além da cobertura de Festas da Uva, inaugurações e concursos de beleza. Alternando-se, Waldemar e Vasco prestavam serviços à Polícia Civil para registrar acidentes de trânsito, homicídios, suicídios, furtos, desabamentos e sinistros em geral. Sempre que requisitados, a qualquer hora do dia ou da noite, um ou outro deveria comparecer ao local do infortúnio para documentar com imparcialidade a cena. Seguia-se, então, a revelação, ampliação e impressão das imagens para a posterior perícia.

"Ele era chamado a qualquer hora, à tarde, de manhã, de madrugada. Quando ouvíamos a campainha já sabíamos: é acidente. Certa vez, nós estávamos no cinema Imperial, de repente entrou a polícia e começou a chamá-lo. Falavam o nome dele em voz alta; eu ficava com vergonha, as pessoas não sabiam o motivo. Ele levantava e saía com a polícia."
(Eulália Marenzi Lazzarotto, 13 de junho de 2014)

"O pai voltava ruim, principalmente quando era enforcamento, para ele era o pior registro. Às vezes o enforcado escolhia lugares estreitos, corredores, então ele tinha que puxar o corpo para poder bater a fotografia. [...] Ele não gostava de falar, comentava por alto, mas nós sabíamos que ele não gostava, ele ficava nervoso, triste. E ainda: passar por todo esse tormento e não ganhar nada ou muito pouco."
(Sônia Lazzarotto, 13 de junho de 2014)

Ao final da década de 1970, o velho casarão que acolhia o estúdio foi demolido para dar lugar a um alto edifício com linhas modernas. O "Studio Fotográfico Lazzarotto & Rech" permaneceu na mesma rua, quase ao lado do primeiro ateliê, Rua Garibaldi, nº. 786. Waldemar permaneceu pouco tempo no novo endereço: os efeitos das sessões de hemodiálise restringiam suas atividades. Em 1980 transferiu sua parte ao sócio e amigo Vasco Rech, que deu continuidade ao trabalho.



Envelope do estúdio

Waldemar compartilhou sua vida e trajetória profissional com a esposa Eulália Marenzi Lazzarotto e com os filhos Sônia e Luís Carlos. Mais do que uma companheira para a vida, encontrou em Eulália a amiga para dividir as dificuldades e sonhos. Foi Eulália que o incentivou na profissão, quando o pai queria vender a máquina fotográfica; foi ela que trabalhou ao seu lado para dar à família um vida digna.

Waldemar Lazzarotto faleceu em 1984, aos 63 anos.



Casamento de Jair e Neldi Lazzarotto, 1965. Acervo Eulália Marenzi Lazzarotto



Daysi Maria Arnoldt na primeira comunhão, 1969. Acervo Eulália Marenzi Lazzarotto



Casamento de Irani e Ireno Boff e Sonia Lazzarotto, aia, 1955. Catedral Santa Teresa. Acervo Eulália Marenzi Lazzarotto



À frente, Simone e Jacheline Facchin, crianças; Sentada à esquerda, Maximília Marenzi; de pé, atrás de Maximília, Eulália Lazzarotto e a seu lado, Hilda Facchin. Acervo Eulália Marenzi Lazzarotto.



Sonia Lazzarotto, Maria Tereza e Maria Amélia Triches, vindimeiras. Festa da Uva de 1961. Acervo Eulália Marenzi Lazzarotto



Jacheline Facchin vestida de vindimeira, 1961. Acervo Eulália Marenzi Lazzarotto



Fotos 3x4



Vasco Rech e Waldemar Lazzarotto, 1953. Acervo Eulália Marenzi Lazzarotto



Aldo Marenzi, 1946.
Acervo Eulália Marenzi Lazzarotto



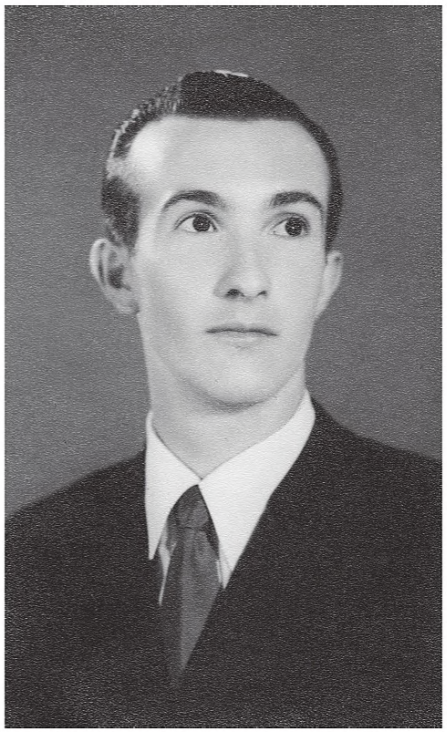
Carnaval de 1939. Residência de Liberato e Maximília Marenzi. Terceira Légua, Caxias do Sul, RS. Acervo Eulália Marenzi Lazzarotto

João Rech

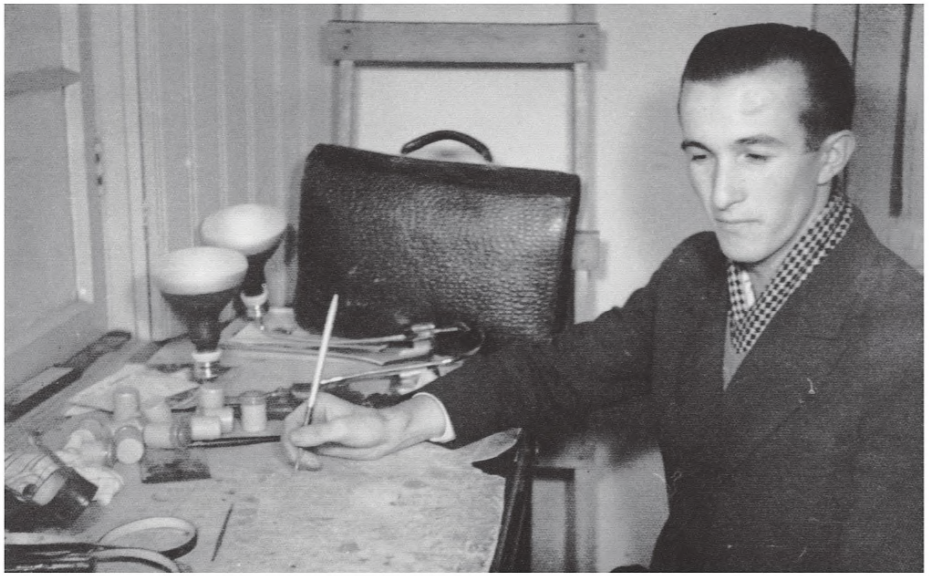
João Rech nasceu na Sexta Légua, interior de Caxias do Sul, em 4 de abril de 1931. Seus pais, Raimundo e Vitalina Demore Rech, eram proprietários de um lote rural localizado na comunidade São Luís, região acidentada e pedregosa, hostil até ao uso do arado. Com tais características, a colônia da família Rech era constituída de exíguo terreno plano reservado à moradia, ao estábulo, ao paiol, à horta; os vinhedos, as lavouras de milho e trigo cobriam as encostas. Neste ambiente cercado pelo trabalho e separado do mundo pela geografia montanhosa, João Rech passou parte da infância. A busca por melhores terras motivou a mudança da família para São Pedro da Terceira Légua. A vida na nova colônia não trouxe a cobiçada prosperidade. Para João, a chegada de um padre, que andava pelas colônias em busca de vocações, trouxe-lhe novas expectativas. Entre os três irmãos homens, ele foi o escolhido para seguir a vida sacerdotal. João tinha sete anos quando ingressou no Seminário São Camilo em Iomerê, Santa Catarina. Ali, ele aprendeu a ler, a escrever, a calcular e foi iniciado nos princípios preconizados pelo fundador da congregação. O pequeno noviço não se adaptou ao ambiente austero, à disciplina férrea, ao distanciamento da família, à censura da correspondência recebida ou remetida. Antes de findar um ano, graças a uma carta que fugiu do controle dos padres, João deixou o seminário ao lado do pai.

De volta à Terceira Légua, trabalhando na roça e estudando no Grupo Escolar Olavo Bilac, João cresceu vendo a família trabalhar de sol a sol sem a certeza de encontrar compradores para a colheita. Almejando um futuro diverso, deixou a roça para trabalhar na Metalúrgica Abramo Eberle, onde permaneceu por quase dois anos. O interesse pela fotografia nasceu do convite de Clemente Tomazoni, que procurava um "rapaz solteiro" para trabalhar no "ofício de retratista". O conhecido fotógrafo era natural da Terceira Légua, o que facilitou a decisão de João e encurtou o seu caminho na profissão que abraçou.

Demitindo-se da Metalúrgica Abramo Eberle, João Rech ingressou no estúdio "Clemente Tomazoni Fotógrafo" em 1951. O aprendizado iniciou pelo laboratório, passando por todas as etapas: preparação dos químicos, revelação, retoque de negativos, impressão das imagens. Nesta função destacou-se no retoque, habilidade que o acompanhou ao longo da sua trajetória de fotógrafo. Simultaneamente, aprendeu a fotografar, começando pelo formato 3x4; os tradicionais retratos de noivos, famílias, quinze anos eram tarefas exclusivas de Clemente Tomazoni. Sem afastar-se do laboratório, João trabalhou no setor de reportagens e coberturas de eventos: ca-



João Rech



João Rech trabalhando no então estúdio "Clemente Tomazoni Fotografia", c. 1952. Foto: Estúdio Tomazoni Fotografia. Acervo Lori Adamatti Rech

samentos, visitas ilustres, Festas da Uva, jogos de futebol, inaugurações públicas, eventualmente documentava acidentes de trânsito para fins de perícia policial. Quando da abertura da primeira filial do estúdio Tomazoni, João Rech assumiu a função de gerente, sem afastar-se do trabalho de laboratório e da cobertura de eventos. Nessa fase, casou com Lori Adamatti Rech (1955), união da qual nasceram os filhos João Roberto e Maria Regina.

O próprio estabelecimento foi aberto por volta de 1961, quando João Rech adquiriu a filial do estúdio Tomazoni, na Av. Júlio de Castilhos, esquina com a Cel. Flores. O ateliê recebeu o nome de "Studio Fotográfico São Pelegrino", menção ao bairro onde estava localizado. Levando na bagagem a experiência de dez anos de trabalho, dedicou-se aos registros de casamento, primeira comunhão, encontros de famílias, aos clássicos retratos de estúdio, às fotografias post-mortem. Também executava fotos para documentos e era chamado para registrar eventos da cidade e comunidades rurais, como as sagas do padroeiro, as vindimas, os jogos de futebol, os bailes de carnaval. João dividia o trabalho com o irmão Vasco Ivo Rech, encarregado de prestar serviços à Polícia Civil, documentando suicídios, homicídios, sinistros, acidentes de trânsito para fins de perícia. A parceria perdurou até 1967, quando João transferiu o estúdio para a sua residência, na Rua Pinheiro Machado, nº. 2810.

No novo endereço, João Rech atuou com o mesmo gênero de fotografia, deixando de trabalhar para a Polícia Civil. Atuando no ofício por mais de 35 anos, sua obra retrata os acontecimentos da vida das pessoas e da cidade, as alegrias, os rituais, as tristezas, os festejos, as solenidades oficiais. Dialogando com o privado e o público, essas imagens permitem um olhar mais abrangente sobre a Caxias do Sul da segunda metade do século XX.

João Rech faleceu em 1986, aos 56 anos.



Menina não identificada na primeira comunhão, 1967. Acervo Lori Adamatti Rech



Encontro de domingo, c. 1965. Comunidade Santo Antônio da Terceira Légua. Caxias do Sul, RS



João Rech, à esquerda, Lori Flach e Vasco Rech, c. 1952. Foto: Estúdio Tomazoni Fotografia



Residência de Henrique e Rosa Mística Adamatti, c. 1959. Morro Cristal. Caxias do Sul, RS



Maria Regina Rech, 1958

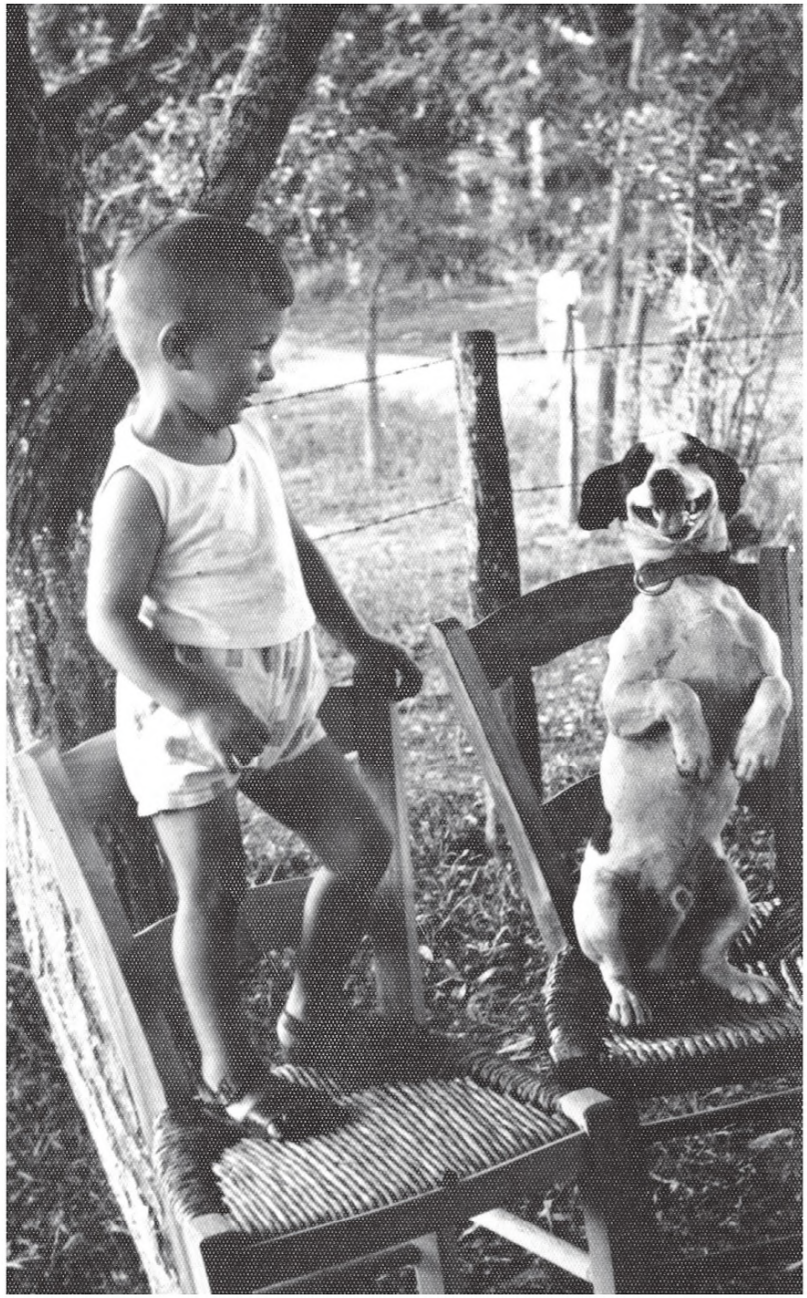


Carro alegórico da Terceira Légua. Festa da Uva de 1954



Residência de Raimundo Rech e Italina Demore Rech, c.1957. Terceira Légua. Caxias do Sul, RS

Fotos pertencentes ao Acervo Lori Adamatti Rech



João Roberto Rech e Buba, 1962. Acervo Lori Adamatti Rech



Crisma de João Roberto Rech com sua mãe Lori Adamatti Rech, 1967. Acervo Lori Adamatti Rech



Adiles Poletto Adamatti e João Roberto Rech, c. 1964. Acervo Lori Adamatti Rech





Colheita de uva nos parreirais de Antônio Randon, c. 1973.
Conceição da Linha Feijó. Caxias do Sul, RS.
Acervo Lori Adamatti Rech

Vasco Rech

As fotografias de Vasco Ivo Rech não são simples registros de fragmentos da realidade. Seus olhos testemunharam os paradoxos da condição humana, em suas imagens está presente a beleza, a esperança, a vida, o conflito, a morte, o sofrimento. Entre os retratos solenes e os eventos oficiais, perpassam corpos decepados por acidentes, meninas mutiladas por estupros, cadáveres suspensos por cordas, incêndios, desabamentos, instantes insólitos da realidade retidos pelo seu olhar e pelas lentes de sua câmera.

Sexto e último filho de Raimundo e Vitalina Demore Rech , nasceu na Terceira Légua em 26 de março de 1937. Estudou na própria comunidade, concluindo o ensino primário no Grupo Escolar Olavo Bilac. Sua infância foi marcada pelas carências materiais e pelo trabalho precoce. As dificuldades de comercialização dos produtos agrícolas dificultavam a satisfação das necessidades básicas. Cedo os filhos homens deixaram a colônia para trabalhar na cidade e, casadas, as mulheres seguiram seus maridos. Vasco foi o único a permanecer com os pais, trabalhava na roça e nas atividades que envolvem a vida na pequena propriedade rural.

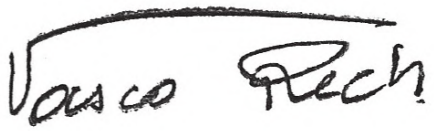
O envolvimento com a fotografia iniciou em 1953. À época, o irmão João trabalhava no estúdio Tomazoni, que então necessitava ampliar o quadro de funcionários. Convidado pelo irmão, Vasco deixou a colônia.

"Eu vim com um leiteiro, saí de madrugada. Eu conhecia pouco a cidade, não sabia como chegar no estúdio do Tomazoni. Era só atravessar a Praça Dante, o estúdio ficava ao lado do Clube Juvenil, mas eu estava extraviado. Cheguei com muita vergonha; usava um chapeuzinho, calça curta, um coloninho. Uma guria perguntou: o que o senhor deseja? - Sou irmão do João, eu vim trabalhar. O meu irmão chegou, me mostrou a galeria, o laboratório, os equipamentos. Eu pensei: o que eu vim fazer aqui? Eu nunca vou aprender, sou apenas um colono." (Vasco Ivo Rech, 24 de setembro de 2008)

Vasco aprendeu as noções básicas de fotografia com o irmão João: manusear a câmera, o enquadramento, as nuances de luz e sombra. Aprofundou o aprendizado trabalhando no estúdio Tomazoni. Começou pelo laboratório, atuando em todas as etapas, da preparação dos químicos à impressão das imagens. Agregando à função de fotógrafo,



Vasco Rech



Carimbo com assinatura de Vasco Rech

Vasco atuou no setor de reportagens e coberturas de eventos: registros de casamentos, primeiras comunhões, visitas ilustres, jogos de futebol, inaugurações

públicas, além de documentar acidentes de trânsito, suicídios, homicídios para fins de perícia policial e para os jornais da cidade e de Porto Alegre.

"Bateu um medo: o Tomazoni regulou a máquina e pediu que eu fosse cobrir a inauguração do SAMDU [Serviço de Assistência Médico Domiciliar de Urgência, fevereiro de 1954]. Imagina, o corte da fita seria feito pelo Presidente Getúlio Vargas! Eu fui lá, tirei as fotografias e vim embora. Deu tudo certo, graças a Deus. Essa foi a minha primeira foto externa" (Vasco Ivo Rech, 24 de setembro de 2008)

Ainda que a primeira "foto externa" de Vasco não tenha sido localizada, pode-se dizer que ela se insere em um momento de grande significado para a história de Caxias do Sul. A presença do Presidente Getúlio Vargas para a abertura da VII Festa Nacional da Uva e I Feira Agroindustrial traduz os anseios pela modernidade em consonância à reconciliação da nação brasileira aos imigrantes de todas as etnias que sofreram a exaltação do nacionalismo que imperou no Brasil durante a Era Vargas. A saga da imigração, em sintonia com o imaginário da modernidade, revelava-se em inaugurações, como a do Monumento Nacional ao Imigrante, do Pavilhão de Feiras Agroindustriais e do mural "Do Itálico Berço à Nova Pátria Brasileira", de Aldo Locatelli, e no próprio corso alegórico.

Caxias do Sul ensejava a modernidade pretendida sem romper com seu legado histórico. Este momento de júbilo foi amplamente registrado pelos estúdios fotográficos tradicionais e até por aqueles mais modestos. Preservadas nos álbuns de família ou nas caixas dos guardados, além de registros, essas imagens expressam as esperanças das várias gerações na busca de construir o sonho almejado.



Waldemar Lazzarotto e Vasco Rech

Em 1961 João Rech abriu o estúdio "Fotografia São Pelegrino". Vasco acompanhou o irmão para trabalhar no laboratório e prestar serviços à polícia. O estúdio era modesto, a clientela era insuficiente e, após cinco anos de parceria, por sugestão do próprio João, Vasco buscou alcançar sua independência profissional. Com uma câmera emprestada e usando o laboratório do irmão, começou a trabalhar para a Delegacia de Polícia, documentando acidentes de trânsito, suicídios e homicídios. Também trabalhava como freelancer para os jornais locais Pioneiro e Correio Riograndense, e para a imprensa de Porto Alegre, especialmente para o Zero Hora, então pertencente à Empresa Jornalística Sul-Rio-Grandense. Para a Companhia Jornalística Caldas Júnior - Correio do Povo e Folha da Tarde - trabalhou como fotógrafo efetivo até o fechamento da Folha da Tarde em 1983. Tão logo as condições permitiram, Vasco adquiriu a sua câmera e um laboratório semiprofis-

sional, montando o seu ateliê na própria residência, em 1967. Casado com Iria Lorenzoni Rech, a esposa o auxiliava no laboratório.

"Eu ajudava por necessidade, da fotografia vinha o dinheiro para sustentar os filhos. Eu lavava os negativos, as fotografias e botava para secar. Tinha pressa, ia sair no jornal. Eu fazia isso. Meus olhos viram, minhas mãos manusearam aquelas fotografias horríveis de acidente, de crimes que o Vasco fotografou. Aquela sensação ruim ficava comigo um bom tempo. Imagina ele!" (Iria Lorenzoni Rech, 24 de setembro de 2008)

A partir do final da década de 1960, outro tipo de violência inquietava a cidade. Havia mais pobres nas ruas e o número de favelas aumentava. Nos jornais, os crimes, os assaltos a bancos e a supermercados ocupavam mais espaço; Chupa Bico, Braguinha, Flexa, Pelezinho eram os "bandidos" mais citados. É



Partida do Campeonato Gaúcho entre o Esporte Clube Juventude e o Grêmio Futebol Porto Alegrense. Estádio Alfredo Jaconi, 1984. Acervo Jornal Pioneiro

a época do "Brasil Gigante", do "milagre econômico": para crescer é necessário concentrar para depois dividir. Caxias do Sul caminhava ao passo da nação: a indústria crescia, a terra era um negócio, a cidade inchava. A violência dessa época está diretamente associada ao conjunto de consequências geradas pela pobreza, êxodo rural, aumento do custo de vida. Este é o contexto que as lentes e o olhar de Vasco Rech capturaram: um registro visual excluído dos álbuns de retratos. Com a função de informar e documentar, essas imagens foram observadas como provas reveladoras de fatos, endossando notícias. Como documento comprobatório, integram os acervos de arquivos judiciais e policiais; publicadas em jornais, perduram nas hemerotecas dos arquivos históricos e museus. Persistem com o propósito de informar e documentar. Nas palavras de Vasco "úteis, mas desagradáveis", elas não estão entre as fotografias que gostamos de ver e rever.

Em 1970, Vasco Rech constituiu sociedade com Waldemar Lazzarotto - "Studio Fotográfico Lazzarotto & Rech" -, transferindo seu ateliê para a Rua Garibaldi, nº 786. No novo endereço, continuou fotografando para os jornais locais e para a Companhia Jornalística Caldas Júnior. Dividiu com Waldemar a tarefa de produzir retratos de noivos, de famílias, de formaturas, além da cobertura de casamentos, jogos de futebol, Festas da Uva, inaugurações e concursos de beleza. Sempre que solicitados, ora um, ora outro, documentavam acidentes de trânsito, suicídios, homicídios e outros sinistros para fins de perícia policial. A parceria se alongou até 1980, quando Waldemar exonerou-se da profissão por razões de saúde. Sozinho, Vasco deu continuidade ao estúdio, dando prioridade às fotografias de cunho jornalístico. Por volta de 1985, transferiu o estúdio para sua residência, na Rua Bento Gonçalves, nº. 3.076. No novo endereço, trabalhou especialmente para o Jornal de Caxias, Pioneiro e Correio Riograndense. A partir de então abandonou o gênero retrato e deixou de prestar serviços à polícia. Continuou a perseguir os rastros dos acontecimentos, documentando o lado insólito e patético da condição humana.

Vasco Rech começou com câmeras rudimentares, vivenciou a evolução das lentes, passou pelo preto e branco, chegando ao colorido e à era digital. Em seus quase 50 anos de carreira, se dedicou quase que integralmente ao fotojornalismo, ajudando a fazer a história do jornalismo em Caxias do Sul. Reconhecido pelo trabalho e dedicação, foi agraciado com várias homenagens destacando-se o título de Sócio Benemérito do Esporte Clube Juventude, em 2009, o 2º. Troféu da Associação Riograndense de Imprensa – ARI, em 2009, e o Troféu da Associação dos Repórteres Fotográficos - ARFOC/RS, em 2014.



Inauguração das Centrais Estaduais de Abastecimento (CEASA), 1983. Acervo Jornal Pioneiro



Início das construções da Réplica de Caxias do Sul nos Pavilhões de Exposições Mário Bernardino Ramos, 1977



Jair Soares, Governador, Presidente João Figueiredo e Mário David Vanin, Presidente da Festa da Uva de 1984



Carro alegórico do Esporte Clube Juventude. Festa da Uva de 1978



Presidente José Sarney, ao centro, Governador Jair Soares, à esquerda, Marli Sarney, à direita e Ministro da Justiça Paulo Brossard, atrás. Festa da Uva de 1986



Luiz Felipe Scolari, à esquerda durante treino do Esporte Clube Juventude, 1986



Corrida de calhambeques na Rua Plácido de Castro. Festa da Uva de 1986

Fotos pertencentes ao Acervo do Jornal Pioneiro



Técnico do Esporte Clube Juventude, Daltro Menezes, à esquerda, e Luiz Carlos Festugatto no Estádio Alfredo Jaconi, 1984. Acervo Jornal Pioneiro



Luiz Felipe Scolari (Felipão), então treinador do Esporte Clube Juventude, 1986. Acervo Jornal Pioneiro



Guilherme Brandalise, diretor do Jornal Pioneiro, e funcionários, 1975. Acervo Jornal Pioneiro









Fotografias de perícia. Acervo Vasco Rech.

José Maccagnan e Ilda Polesso Maccagnan

Em 1963, oriundos de Antônio Prado, chegava a Caxias do Sul José e Ilda Polesso Maccagnan, acompanhados pelos filhos Odete e Gilmar; mais tarde nasceram Wilson, Fernando e Cláudia. A família Polesso Maccagnan foi o berço de quatro gerações de fotógrafos profissionais, tradição iniciada por volta de 1920 e transmitida de pai para filho.

José Maccagnan nasceu em Antônio Prado em 4 de fevereiro de 1936. Filho de João e Páscoa Penna Maccagnan, passou a infância e parte da juventude na colônia, trabalhou na roça, nos parreirais, auxiliava a processar o vinho na pequena cantina da família. Concluiu o curso primário na escola da comunidade, tendo estudado um ano no seminário marista de Antônio Prado. A vida no educandário não atraiu José para a vocação sacerdotal. Disposto a ir além da rotina da roça, retornou à casa dos pais determinado a buscar outra profissão. Aos dezoito anos apresentou-se para prestar o serviço militar, sendo designado a servir em Santa Maria. Entre os treinamentos de combate, dirigia caminhões blindados e era motorista dos oficiais. Nas festas comunitárias e nos jogos de futebol organizados pelos cadetes, vendia guloseimas a fim de juntar algum dinheiro para iniciar a nova profissão.



José Maccagnan



Ilda Polesso Maccagnan

Foi no quartel que José Maccagnan descobriu o gosto pela fotografia. Com a intenção de realizar seu sonho - aprender o ofício de fotógrafo e fazer sua independência profissional - adquiriu uma câmera tipo caixão que utilizava filmes 120mm. Sem deixar de considerar as orientações dos irmãos Staggemeyer, proprietários do estúdio Foto Imperial, em Santa Maria, se tornou autodidata no processo que envolve o ato de fotografar. Os primeiros clientes foram seus colegas recrutas desejosos em enviar suas fotos para os familiares e namoradas. Também registrava jogos de futebol e cenas da vida cotidiana no quartel. Para revelar e imprimir as imagens, utilizava os serviços da Foto Imperial.

Concluído o serviço militar, José Maccagnan retornou à casa paterna disposto a montar seu

estúdio. Retornava levando a experiência como fotógrafo e as economias que o ofício lhe dera ao fotografar seus colegas soldados. A pedido do pai, permaneceu na colônia por dois meses para auxiliar na colheita. Confiante na profissão que escolhera, deixou a vida rural para realizar seu sonho em Nova Roma, então sede do Segundo Distrito de Antônio Prado. O resoluto rapaz partiu em 1956, levava na bagagem o equipamento para iniciar a profissão: máquina fotográfica, filmes, aparelhagem de laboratório e todos os acessórios para revelação e impressão das imagens. À época, Nova Roma era um povoado com menos de 500 habitantes, cuja economia estava sustentada na agricultura. José Maccagnan não seria o único fotógrafo da bucólica vila, ele compartilharia seu trabalho com Cláudio Polesso, proprietário de um pequeno estúdio.

Instalado no centro de Nova Roma, os clientes de José Maccagnan eram os moradores da vila e famílias de agricultores que, aos domingos, se deslocavam para assistir à missa na igreja matriz e negociar seus produtos nos sortidos armazéns de secos e molhados. Durante a semana, o trabalho limitava-se a alguns poucos retratos, ao processo de revelação e impressão das fotografias capturadas aos sábados e domingos: retratos de famílias, festas de casamentos, primeiras comunhões, celebrações comunitárias. Para os retratos, fazia uso da fotopintura.



Cláudio Polesso

Concentrado em seu trabalho, José pouco saía de casa, seu círculo de amizade era restrito. O contato com Cláudio Polesso deu outro rumo a sua vida. Descendente dos primeiros povoadores da região, o novo amigo era alfaiate, fotógrafo e proprietário da fábrica de gasosa "Saudável", fundada em 1949. Casado com Brígida Valiati Polesso, Cláudio foi pai de 14 filhos, motivo pelo qual se dedicou a tantas atividades. Ensinou a sua prole - homens e mulheres - os ofícios de fotógrafo e alfaiate. Sempre que convidado, José frequentava a casa da família Polesso. Nessas ocasiões, entre outros assuntos, falava sobre fotografia; em tom de conselho, o experiente fotógrafo transmitia seu conhecimento ao jovem convidado. O ir e vir habitual aproximou José de Ilda, uma das filhas do casal Polesso. A jovem beirava os dezoito anos, trabalhava com o pai na alfaiataria e auxiliava em todos os processos do fazer fotográfico. A convivência cercada pela afinidade se transformou em namoro, seguido pelo casamento, realizado em 1958.

Ao lado da esposa, José deu continuidade ao estúdio. Ilda conhecia o ofício, iniciou com chapas de vidro, passando para as câmeras 35mm. Ao ato de fotografar, agregava conhecimento técnico e o olhar apurado para a composição das poses. A personalidade visionária e inventiva de José, aliada à dedicação e experiência de Ilda, assegurou o florescimento do estúdio. Apesar do início promissor, em Nova Roma não havia perspectiva de ascender na fotografia. Em busca de maior clientela e da almejada independência profissional, o casal Maccagnan se transferiu para a cidade de Antônio Prado.

Com o estúdio instalado na Avenida dos Imigrantes, junto ao antigo prédio do Banco do Brasil, José e Ilda atuaram em Antônio Prado de 1960 a 1963. Adotando a denominação "Foto Real Maccagnan", o estúdio dedicou-se aos tradicionais retratos de família, de noivos, de primeira comunhão e, principalmente, às coberturas de casamentos. Quando solicitado, também documentava inaugurações, sagas religiosas e eventos sociais.



Apresentação cívica de 7 de Setembro, 1942. Praça da Matriz. Nova Roma, RS. Foto Claúdio Polesso. Acervo José e Ilda Maccagnan

"Quando o José ia pelas colônias, ele fotografava as pessoas como estavam, algumas se arrumavam um pouquinho, mas a maioria ficava do jeito que estavam vestidas, eram quatro, cinco, às vezes dez filhos. Depois da ampliação e impressão, ele se inspirava em figurinos e pintava a vestimenta sobre as imagens dos fotografados. Ele pintava a óleo, depois emoldurava ou fazia pôster grande. Em Nova Roma e Antônio Prado várias famílias ainda possuem aqueles retratos que ele fazia." (Ilda Polesso Maccagnan, 19 de agosto de 2015)

Acompanhando as inovações, o nome Maccagnan firmou presença no que tange à produção fotográfica na Antônio Prado do início dos anos 1960. Embora a clientela fosse significativa, José antecipou que o crescimento do estúdio dependia de centros urbanos maiores; Caxias do Sul foi a cidade escolhida para tal intento.

Em Caxias do Sul, o estúdio "Foto Real Maccagnan" foi inaugurado em 1963. Instalado na Rua Feijó Junior esquina com a Sinimbu, começou com retratos artísticos, fotos no formato 3x4, além de coberturas de casamentos e outros eventos sociais, como formaturas e bailes de carnaval. Ainda em 1963, José Maccagnan introduziu em Caxias do Sul o primeiro laboratório a cores, sendo considerado um dos precursores da fotografia em cor no Rio Grande do Sul. O interesse pelo processo nasceu quando da visita de representante de material fotográfico ao estúdio. Em meio às conversas, o visitante comentou sobre a popularização da fotografia colorida na Europa; meses depois o estúdio Maccagnan instalava seu primeiro laboratório a cores.

"O representante alemão mandou um kit para o José treinar e começar a fazer fotos a cores. Mas ninguém explicou como fazer, o kit era em alemão, no Rio Grande do Sul não conhecíamos ninguém que utilizava o processo. Ele foi tentando acertar o processamento dos químicos, enfim, quando o papel deveria ser revelado no primeiro químico, no segundo, no terceiro; ele foi testando e aprendendo sozinho. Quando não dava certo, era aquele monte de metros de papel fotográfico que a gente rasgava e queimava. Nesse meio tempo, ele começou a fotografar com o filme a cores, mas ele não conseguia fazer a revelação direito. Em São Paulo, a Kodak revelava. Então mandávamos os filmes pelo correio, nem era Sedex. Mandávamos, por exemplo, seis filmes e só voltava um, ele chegou a ir a São Paulo para procurar. Era desagradável, dizíamos para os noivos que íamos fazer algumas fotos a cores, eles ficavam satisfeitos e os filmes desapareciam. Aí o José disse: não, isso não pode acontecer! Eu vou aprender para não perder nenhum filme. [...] Eu falo



"Maccagnan Color Prints", 1963. Rua Dr. Montaury.
Acervo José e Ilda Maccagnan

com propriedade porque acompanhei passo a passo. Foi sofrido, o filme tinha uma máscara muito forte para adaptar-se à fotografia, errávamos muito, tinha que tirar no papel a transparência do negativo, havia dois contrastes, era muito difícil acertar. Esses foram os primeiros passos, a fotografia colorida foi desbravada." (Ilda Polesso Maccagnan, 19 de agosto de 2015)

Obstinado pela qualidade, José buscou especialização na Alemanha, Polônia, França, Suíça, Estados Unidos. Acompanhou as inovações participando de congressos, exposições e feiras internacionais, como a Photokina, na Alemanha. Com o andar dos anos, os avanços tecnológicos permitiram melhorar a qualidade das imagens, aumentar a resolução e a realidade das cores, além de agilizar as etapas do processo de produção e reduzir os custos. A crescente evolução tornou o ato de fotografar mais fácil. Em decorrência, a busca pelo filme colorido se tornou rotineira, definindo a fotografia colorida como padrão. Em meio às mudanças, a denominação "Foto Real Maccagnan" foi alterada para "Maccagnan Color Prints", acompanhada da troca de endereço para a Rua Dr. Montauri, nº. 934. A partir de 1970, José assumiu o trabalho de laboratório e Ilda dedicou-se à fotografia, desde os retratos de estúdio a coberturas de eventos sociais: casamentos, formaturas, bailes de debutantes.

"Então o estúdio ampliou a prestação de serviços. Além da loja, fazia ampliações de grande formato, revelações para amadores e profissionais. Aos poucos houve uma divisão no trabalho: o pai foi deixando de ser fotógrafo de ofício e atingia a parte quase industrial, que era processar as fotografias para os demais. A arte da fotografia continuou através da mãe, isso ela nunca deixou. O pai foi indo para a parte de produção de fotografia, laboratório em grande escala, para a época." (Fernando Maccagnan, 19 de agosto de 2015)

A busca pela qualidade motivava José a investir em equipamentos de última geração, colocando o estúdio "Maccagnan Color Prints" entre os mais equipados e modernos do sul do Brasil. Ao final da década de 1970, a empresa empregava 25 funcionários, contava com loja de material fotográfico, cinco impressoras, três processadores e duas reveladoras.

"Era uma máquina para cada processo. Pra revelar o filme era um tipo de químico, para o papel era outro. Na época boa, se revelava em média 300, 350 filmes por dia. Nos dias de pico, se caísse neve ou houvesse uma festa, era mil filmes por dia, ficávamos até madrugada trabalhando. [...] Eu criei meus filhos dentro do estúdio. Eles estavam sempre comigo, principalmente o Fernando. Ele me acom-

panhava nas coberturas de casamento, carregava a maleta com o material. O crescimento do estúdio, a formação da minha família se deu no estúdio da Dr. Montaury, eu trabalhando e eles em volta. [...] Eu não obriguei a nenhum deles seguir esse ramo, eles seguiram a profissão por amor à fotografia". (Ilda Polesso Maccagnan, 19 de agosto de 2015)

Desde os primórdios da fotografia em Caxias do Sul, esposas e filhas de fotógrafos executavam serviços de laboratório, retocavam negativos, dedicavam-se à fotopintura e, ocasionalmente, trabalhavam por detrás das câmeras. Todavia, foram raras as mulheres que se consideraram fotógrafas ou foram reconhecidas como tal. A maioria ignorava a capacidade técnica e a importância do trabalho que executava. A cultura e a mentalidade da época consideravam o trabalho dessas mulheres como prolongamento dos afazeres domésticos, porquanto os ateliês, geralmente, eram uma extensão da residência. Ilda Polesso Maccagnan, filha e esposa de fotógrafo, rompeu com tal paradigma; do seu talento e dedicação adveio o auto-reconhecimento e o prestígio como profissional da fotografia. À frente de seu tempo, José interpretou com naturalidade a aptidão da esposa, juntos construíram a "Real Color Fotografias" e ajudaram a fazer a história da fotografia de Caxias do Sul na segunda metade do século XX. O legado foi transmitido aos cinco filhos, que deram continuidade à



Odete Maccagnan na primeira comunhão, 1967. Acervo José e Ilda Maccagnan



Odete, Wilson e Gilmar Maccagnan. Páscoa de 1967. Foto de José Maccagnan. Acervo José e Ilda Maccagnan

trajetória iniciada pelo avô e perpetuada pelos pais.

No contexto dos anos 1980, os brasileiros conquistavam a democracia, mas herdavam profunda crise econômica: inflação, desemprego, desaceleração do crescimento, dívida externa. Os desdobramentos da conjuntura originaram perdas significativas para a "Maccagnan Color Prints". Com dificuldade, José e Ilda asseguraram o funcionamento da empresa. Em decorrência, em 1985, o estúdio foi reestruturado, focando o trabalho para os retratos de estúdio e coberturas de eventos, especialmente de casamentos. Ao mesmo tempo, transferiu o endereço para a Rua Sinimbu, nº. 1.736, quando mudou a razão social para "Real Color Fotografias Ltda." Precursor em Caxias do Sul, o estúdio passou a desenvolver o processo foto-tela, técnica que consiste em transpor para o tecido da tela - algodão, linho, seda - ampliações fotográficas, resultando na semelhança da fotografia à pintura. A técnica foi aprimorada pela família, consolidando-se como marca registrada do estúdio Maccagnan. Com a certeza do legado transmitido, José e Ilda exoneraram-se da profissão, estimulando os filhos a seguirem seus próprios conceitos acerca da arte de ver através das lentes. Unidos pela paixão de fotografar, Odete, Gilmar, Wilson, Claudia e Fernando, cada qual com seu click, dão continuidade à trajetória dos pais.

Odete, juntamente com o esposo Odacir Scalco, fundou a "Foto Studio Itália"; Sheila, filha do casal, trabalha com a edição de imagens. Gilmar, no início da carreira atuou em quase todas as áreas da fotografia, dando-lhe a base para desenvolver o próprio estilo, sobretudo no que tange ao gênero retrato. Especialista em foto-tela, escolheu como residência a Cidade do México desde 1993, estendendo o seu trabalho para vários países da América Latina, bem como no Brasil. A composição das poses, em harmonia com as nuances de luz e sombra, remetem à pintura e à escultura clássica; a foto-tela é o carro-chefe de seu trabalho. Gilmar inclui em seu currículo trabalhos regulares em vários países da América e Europa. Seguindo a tradição familiar, os filhos Bruno e Guilherme exercem a profissão de fotógrafo. Wilson trabalhou na "Real Color Fotografias" até 1988, transferindo-se para Brasília, atuou como fotógrafo até 1997. Sua trajetória continuou em Curitiba e em várias capitais do nordeste brasileiro. Dedica-se aos retratos de família, crianças, mulheres, casais. Como seus irmãos, domina com maestria o processo foto-tela: a luz difusa e sombras suaves de suas fotografias refletem a aura da pintura. Ao longo de quase trinta anos dedicados à fotografia, reúne em seu cur-

rículo mais de uma centena de exposições realizadas em todos os estados brasileiros, além de apresentações no exterior: Chile, Argentina, Uruguai, México, entre outros. Retornou a Caxias do Sul em 2013; voltado a outros empreendimentos, continua a fotografar com menos regularidade.

Fernando Maccagnan dá continuidade à "Real Color Fotografias", que desde 2013 mudou o endereço para a Rua Marquês do Herval, nº.1.077. A empresa reúne loja, laboratório e estúdio com vários ambientes para as sessões de fotos. Especialista em fotografias de casamentos e portraits, reflete em seu trabalho domínio técnico e o apuro artístico com um portfólio de mais de 1.500 casamentos, registrados, inclusive, em outras cidades e estados – Paraná, São Paulo, Santa Catarina, Porto Alegre, Brasília. Abrangendo temas diversos, produziu inúmeros editoriais e capas de revistas da área, que revelam a evolução dos estilos de cerimônias de casamento e as mudanças dos valores estéticos. Cláudia, a caçula da família Maccagnan, atua como sócia-diretora e se concentra na produção de books e ensaios fotográficos de famílias, crianças, gestantes e bebês. A cada registro de casamento e de nascimento, Fernando e Cláudia renovam o hábito de fotografar no Maccagnan, perpetuado na formação de novas famílias e na chegada de novas gerações.

As fotografias de Odete, Gilmar, Wilson,



Fernando Maccagnan, 1975. Foto de Ilda Maccagnan. Acervo José e Ilda Maccagnan

Fernando e Cláudia, cada qual com suas singularidades, perpetuam uma tradição familiar consolidada ao longo de 90 anos dedicados à arte de reter o tempo em imagens.



Rua Dr. Montaury, esquina com a Rua Sinimbu, 1975. Foto de José Maccagnan. Acervo José e Ilda Maccagnan



Apresentação de banda não identificada na Praça Dante Alighieri, c. 1980. Acervo José e Ilda Maccagnan



Praça Dante Alighieri, 2005. Foto de Ilda Maccagnan. Acervo José e Ilda Maccagnan



Carro alegórico da Festa da Uva de 1994. Ao centro, a Rainha Cristina Briani com as Princesas Carine Posenato (esquerda) e Fabrícia Fedrizzi (direita). Acervo José e Ilda Maccagnan

Bibliografia

Fontes bibliográficas:

ADAMI, João Spadari. História de Caxias do Sul 1964-1970. Caxias do Sul: Gráfica das Edições Paulinas. 1971.
KOSSOY, Boris. Fotografia e história. Editora Ática. São Paulo, 1989.
KOSSOY, Boris. Dicionário histórico-fotográfico brasileiro. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.
MACHADO, Maria Abel. Construindo uma cidade. 2001. 1a. ed. Caxias do Sul. Maneco Livraria e Editora. 2001.
SANTOS, Alexandre Ricardo dos. O gabinete do Dr. Calegari: considerações sobre um bem-sucedido fabricante de imagens. In: ACHUTTI, Eduardo Robinson (org.). Ensaios (sobre o) fotográfico. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

Fontes documentais:

Acervo documental do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami
Setor Permanente da Administração Pública.
Setor Banco de Memória.
Setor Fototeca.
Setor Hemeroteca.

Entrevistados:

Adelina Stangherlin Zambelli “in memoriam”
Américo Franzoi
Antônio Bartholomeu Beux “in memoriam”
Aparício Postali “in memoriam”
Ary Ayres Cavalcanti “in memoriam”
Ary Pastory
Carmela Mancuso Pizzamiglio “in memoriam”
Clemente Tomazoni “in memoriam”
Cyro Mancuso “in memoriam”
Daniela Kappes
Dionísio Balzaretti
Elza Domingas Postali “in memoriam”
Ema Rosa Postali Dalazen “in memoriam”
Ernesto João Troian “in memoriam”
Eulália Marenzi Lazzarotto
Evaldo Beux
Fernando Maccagnan
Graciela Franzoi
Graciema Genoveva Balzaretti
Guilhermina Andreazza Postali “in memoriam”
Ida Crivelatti Panceri “in memoriam”
Ignês Muner
Ilda Polesso Maccagnan
João Alberto Tomazoni “in memoriam”
José Maccagnan
José Zambon “in memoriam”
Lori Adamatti Rech
Luiz Chiaradia Serafini “in memoriam”
Mauro De Blanco “in memoriam”
Nelson Franzoi
Paulo Franzoi
Remy Francisco Bisol
Renata Zanella Carpeggiani “in memoriam”
Sérgio Calegari “in memoriam”
Silvino Postali “in memoriam”
Sônia Lazzarotto
Terezinha Balzaretti
Terezinha Folle Franzoi
Ulysses Geremia “in memoriam”
Valério Antônio Zattera “in memoriam”
Vasco Ivo Rech



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-66797-03-9
9 788566 797039

MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

*Câmeras de Julio Calegari e de Clemente Tonizzoni. Museu Municipal de Caxias do Sul. Foto: Paquito Massi.